

Gazeta das Aldeias

N.º 2630

1 DE JANEIRO DE 1969



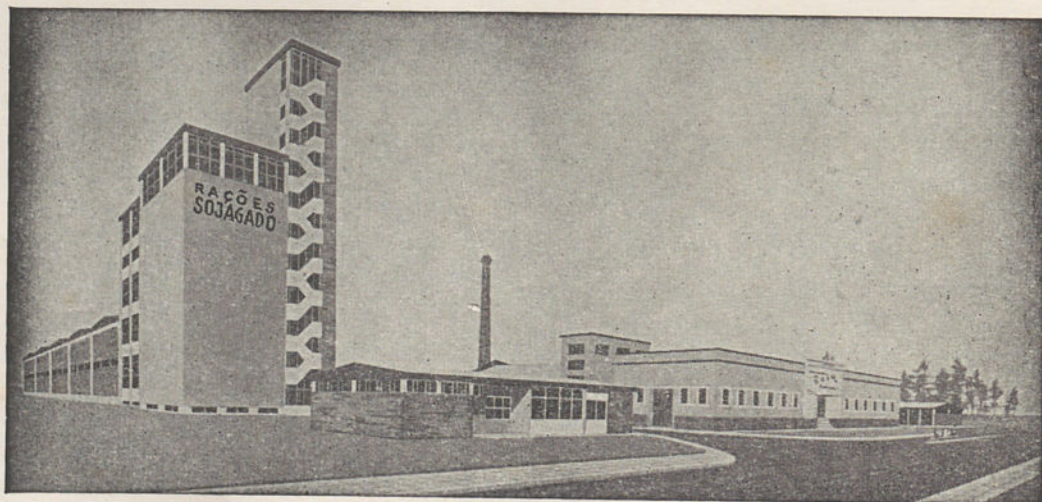
Sala
Est.
Tab.
N.º

ALIMENTOS COMPOSTOS



SOJAGADO

PORTO — OVAR — LISBOA



INSTALAÇÕES FABRIS DE OVAR

Siga-me... Acompanha-nos a melhor Técnica!



A obtenção de maiores produções por unidade de superfície de terreno cultivado e o barateamento do seu custo, são as bases da solução do problema agrícola.

A cultura do milho, a par de uma técnica apropriada, exige, para se atingir aquela finalidade, o emprego de

H Í B R I D O S *acal*

Os resultados obtidos pela Lavoura, com produções que facilmente duplicam as conseguidas com os milhos regionais, justificam o emprego dos

9896

Milhos Híbridos



Sendo a produção desta semente limitada, reserve desde já as variedades da sua preferência

HP 21 A

HP 32

HP 34

HP 35 A

Para conhecimento das características principais destes milhos, peça os BOLETINS TÉCNICOS dos

SERVIÇOS AGRONÓMICOS *acal*

Agência Comercial de Anilinas, Lda.

(SECÇÃO AGRÍCOLA)

Avenida Rodrigues de Freitas, 68 — PORTO — Telef. 55161 (3 linhas)



Filtros * Bombas * Rolhadores * Máquinas de gaseificar * Máquinas de encher * Saturadoras * Mangueiras de borracha e de plástico, etc., etc.

Acido Citrico * Acido Tartárico * Acido Ascórbico * Sorbato de Potássio * Metatartárico * Carvão «Actibon» * Taninos «Dyewood» (os melhores à venda em Portugal) * Anidrido Sulfuloso * Metabisulfito de Potássio * Solução Sulfulosa * Gelatina Spa-R * Bentonite «Volklay» * Fosfato de Amónio * Barro Espanhol * Caseína * Albumina de Sangue * Calgonit (o melhor desinfectante e descolorante de vasilhames) * Permanganato de Potássio * Carbonato de Sódio * Actisolal * Emboçoi * Bono-Suif (Mastic francês) * Mechas de Enxofre * Glutofix (cola para rótulos) * Goma Laca * Goma Arábica * Parafinas (sólidas e líquidas)

Ebuliómetros * Acidímetros * Areómetros * Glucómetros * Mostímetros * Alcoómetros * Termómetros * Vinómetros * Buretas * Provetas * Balões * Copos * Reagentes, etc., etc.

Sociedade de Representações Guipeimar, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º
PORTO

Telefs. 28093
35173

3876

Galinhas

Evita e combate doenças de todas as aves . . . AVIOSE

Suínos, Bovinos

(Contra o fastio)—Fortifica e engorda . . . VITA-CEVA

Leitões - Vitelos

Indicado em todas as desenterias, complicações intestinais, etc. . . SOLTURIN

Animais - Aves - Rações

Preparam-se juntando aos cereais ou resíduos «Cálcio + Vitaminas e Antibióticos» (Mais economia e eficiência)

Laboratório da Farmácia Pinho
GUIA — LEIRIA

4309



Que ameaça a vida e a economia dos povos, pelas doenças que propaga e os haveres que destrói. Façamos-lhe guerra por intermédio dos

RATICIDAS ZAZ
Destruidores de Ratos, Ratsanas, Toupeiras, etc.

ZAZFARIN Raticida anticoagulante, à base de Warfarina.

“Um ladrão”

que ameaça a vida e a economia do País.

Façamos-lhe guerra por intermédio do **Raticida ZAZ pó**, à base de Arsénico.

Raticida ZAZ grão, à base de Arsénico.

INSECTICIDAS

ZAZ Formiga—Destrói em poucos minutos todas as Formigas.

ZAZ Barata—Destrói em pouco tempo todas as Baratas.

ZAZANIL líquido e em **pó**—Desinfecante poderoso dos Corrais, Pocilgas, Capoeiras, Caniz, Coelheiras, etc.

Sarna dos animais, mata Carrasças, Piolhos, Pulgas, etc.

Preparado na:

Fábrica dos Produtos ZAZ
Quinta de Santo António — COVILHÃ

4388

**ganhe dinheiro
cultivando**

**MILHOS
HÍBRIDOS
CUF**

*

Escolha entre as variedades CUF a mais indicada

*

Adube à sementeira com FOSKAMÓNIO ou FOSFONITRO

*

Aplique em cobertura, à sacha SULFONITRATO DE AMÓNIO ou UREIA

*

Faça os amanhos culturais, regas e tratamentos fitossanitários necessários



**MILHO HÍBRIDO CUF BEM CULTIVADO
É RENDIMENTO ASSEGURADO**



PARA TODOS OS ESCLARECIMENTOS DIRIJA-SE À DEPENDÊNCIA CUF MAIS PRÓXIMA

Companhia União Fabril — Avenida Infante Santo, 2 — Lisboa-3

Os produtos da

UMUPRO

LYON - FRANCE



“Umurat” Cube

3139

Raticida moderno à base dum anticoagulante do sangue.

Agindo por hemorragias internas sem sintomas alarmantes para os restantes.

Em cubos prontos a utilizar mas recuperáveis quando não consumidos.



“Helicide granulado”

Produto efficacíssimo na extinção dos caracóis, à base de metaldeído.



“Umucortil granulado”

Para combate aos ralos à base de clordane.

são distribuídos em Portugal por

Ferreira, Rio & C.a, L.da

Rua do Almada, 329-1.º—Telef. 23007—PORTO

PILULAS DE

ALHO

ROGOFF

EXTRACTO CONCENTRADO

DE ALHO FORTE



PRODUTO DIETÉTICO, ACTIVO
CONTRA AS MANIFESTAÇÕES
ARTRÍTICAS, REUMATISMO E VELHICE
PRECOCE.

PREPARADO POR:

M. WOELM. ESCHWEGE
(Alemanha-Occidental)

À VENDA NAS FARMÁCIAS

FRASCO COM 180 PILULAS ESC. 50\$00

Representantes para Portugal:

CREFAR—R. DA MADALENA, 171-2.º—115BOA

4391

Sr. Viticultor:

Para a destruição das ervas nas vinhas use herbicidas, mas antes de tratar...

- 1) Prefira herbicidas que já tenham dado as suas provas em Portugal.
- 2) Não aceite informações e afirmações que não possam ser comprovadas pelos resultados dos tratamentos dos anos anteriores.
- 3) Contacte com alguns dos numerosos viticultores que usaram

GESATOPE + ESOPRAL

nos anos anteriores e procure conhecer os resultados dos tratamentos e a opinião dos mesmos.

Tenha ainda em atenção que:

- 1) O **Gesatope 50** e o **Esopral 90** são herbicidas ensaiados e utilizados há mais de 10 anos na cultura da vinha e não causam danos a esta cultura.
- 2) O **Gesatope 50** e o **Esopral 90** permitem manter o terreno da vinha sem ervas durante uma época.
- 3) Com a aplicação de **Gesatope 50 + Esopral 90** podem ser dispensadas as cavas e redras.
- 4) As vinhas tratadas com **Gesatope 50 + Esopral 90** mostram-se mais vigorosas e, conseqüentemente, mais produtivas.
- 5) Só deve usar produtos conhecidos e devidamente experimentados.

Peça instruções a

Carlos Cardoso - Anilinas e Produtos Químicos, S.A.R.L.

Rua do Bonjardim, 551—PORTO

Avenida da República, 14, 4.º-5.º — LISBOA

4390

PROVIMI

**CONCENTRADOS
E RAÇÕES**



ASSISTÊNCIA TÉCNICA



PROVIMI PORTUGUESA

UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA PECUÁRIA

LISBOA

Rua Filipe Folque, 2, 2.º
Telef. 4 21 11

PORTO

R. Sé da Bandeira, 746, 2.º-Dio.
Telef. 3 08 69

FÁBRICA DE CONCENTRADOS — PAIÀ

FÁBRICAS DE RAÇÕES — SACAVÉM — FARO — VIANA DO ALENTEJO — OVAR — CASTRO VERDE — ALCobaÇA — ALVERCA (Em construção)
— FUNCHAL — PONTA DELGADA — ANGRA DO HEROÍSMO — MALANGE — LUANDA

DISTRIBUIDORES EM TODO O PAÍS

SUMÁRIO

Imensa tristeza.	1
Dr. José Maria de Araújo Abreu Pinheiro Torres	2
A propósito da flora de S. Pedro de Moel (Mata de Leiria) — Prof. C. M. Baeta Neves	3
Aspectos sociológicos do ordenamento rural — eng. agrónomo G. Santa Rita	7
A exploração do gado bovino no Noroeste — eng. agrónomo Luís Bivar	11
A Bela Arte dos Jardins — Reg. Florestal Horácio Eliseu	14
Em favor de uma política de bem-estar rural — Arquitecto J. Pinto Machado	17
Teve lugar na Estação Agrária do Porto, o I Simpósio Apícola do Porto.	19
Divulgação Científica — Piroplasmias e Piroplasmoses — médico veterinário José Carrilho Chaves	24
Trabalhos em Janeiro	27
Exposições de floricultura	30
Use os pesticidas com cuidado	31
Caça e Pesca — Do mal... e do bem — Almeida Coquet	32

SERVIÇO DE CONSULTAS

— Agricultura	35
— Fruticultura	36
— Patologia Vegetal e Entomologia	36
— Avicultura	37
— Direito Rural	37
Informações	39
« Intermediário dos lavradores »	40

A NOSSA CAPA



Cabrada em pastagem natural

Serra da Peneda (Seida)

Fotografia gentilmente cedida pelo Sr. Eng. Renato Dantas Barreto.

ASSINATURAS

Ano	100\$00
Semestre	55\$00
Número avulso	5\$00
Estrangeiro (Excepto Espanha) — mais	50 %

Visado pela Comissão de Censura

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Júlio Gama*

REVISTA QUINZENTAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR

AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrónomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) • Redacção • Administração: Av. dos Aliados, 66 - PORTO
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS - PORTO • Telefones: 25651 e 25652Composto e impresso no TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º - PORTO

IMENSA TRISTEZA

AS sombras que enlutaram, neste fim de ano, quantos trabalham nesta casa, não podem, ou não deveriam poder, transparecer, como atitude de desalento, para estas notas de abertura.

Mas a sucessão de choques foi demasiado seguida e violenta e por mais estóico que se seja, ou queira parecer, a emoção e a tristeza conhecer-se-iam, quaisquer que fossem as palavras que nos ocorressem ao bico da pena.

Primeiro foi o desaparecimento dessa figura impar de cientistas que se chamou Joaquim Vieira Natividade, merecedor da mais profunda admiração como investigador, como profissional, como académico e até como escritor e estilista.

Logo a seguir sucumbe o Prof. Eugénio Tropa, irradiante de simpatia e simplicidade, denunciadoras das personalidades de real valor. Professor catedrático e Director-Geral dos Serviços Pecuários cai em pleno desempenho dos seus altos cargos.

Seguiu-se a notícia inesperada, brutal, do desaparecimento do eng. Luís Quartim Graça, a quem nos ligavam laços de velha camaradagem, amizade alicerçada na escola que profissionalmente nos formara e se cimentara no decorrer duma vida em que ele ascenderia a lugares de destacada proeminência.

E quis o destino, por fim, atingir ainda, directa e duramente, a «Gazeta das Aldeias» na sua própria carne, roubando-nos ao convívio, ao trabalho, ao esforço diário, ao viver das agruras e também das satisfações duma revista agrícola, o nosso Director-Geral Dr. José Maria de Araújo Abreu Pinheiro Torres.

Não é — sabemos bem que não é — com palavras de luto, com desânimo, que a vida continua e, por doloroso que seja o esforço, a nossa obrigação é enfrentar o destino e tomar como linha de rumo o exemplo dos que caíram em pleno combate.

Que melhor homenagem lhe poderíamos prestar, que tomá-los para guias do futuro?

Mas esses exemplos, o que eles foram em vida, o que representaram de inteligência, de tenacidade, de grandeza de ânimo, de sabedoria ou de bondade, têm que ser recordados. Assim o faremos, tendo já solicitado de personalidades bem colocadas e documentadas, para nos traçarem os seus perfis de profissionais, de cientistas, de homens probos, cujo contacto em vida foi lição que ficou e perdura.

Mas a vida continua, a luta prossegue, caíam embora pelo caminho os heróis vencidos.

Honra lhes seja, que a souberam viver.



Dr. José Maria de Araújo Abreu Pinheiro Torres

E' com a mais profunda tristeza que recebemos em 17 de Dezembro passado, a notícia lancinante: falecera o Dr. Pinheiro Torres — Director-Geral da «Gazeta das Aldeias».

Doença traiçoeira tinha-o atingido, tempos antes, mas dela se recompuzera, mercê da sua notável força de vontade e apego à vida. Tudo nos levava a alimentar fundamentadas esperanças, quer a sua recuperação total, quer a disciplina que a si próprio se impuzera como melhor salvaguarda da sua saúde. Daí mais inesperado ter sido o golpe.

Enlutados e emocionados, todos aqueles que com ele trabalhavam, inclinamo-nos perante a sua memória e apresentamos a toda a sua Família e em especial a sua Ex.^{ma} Esposa, Filhos e a seu Irmão Dr. Arnaldo de Araújo Abreu Pinheiro Torres membro do Conselho de Administração da «Gazeta» as expressões sentidas das nossas condolências.

A propósito da flora de

S. PEDRO DE MOEL (MATA DE LEIRIA)

Pelo Prof. C. M. BAETA NEVES
Engenheiro Silvicultor

EM continuação de um artigo anterior sobre tema idêntico julgo oportuno divulgar as últimas identificações feitas do material colhido em S. Pedro de Moel, em Abril do ano findo, e fazer a seu propósito algumas considerações.

Como entusiasta da Ecologia tal colheita teve essencialmente a finalidade de procurar obter mais elementos para uma apreciação das condições de meio locais, a relacionar com a fauna entomológica, no que diz respeito à interdependência respectiva.

Tratando-se contudo de tarefa que implica a identificação das plantas colhidas, foi pedida a indispensável colaboração ao Gabinete de Botânica do Instituto Superior de Agronomia, o qual mais uma vez prestou essa colaboração da forma mais eficiente e amável.

Longe como ainda estão as conclusões ecológicas que se procuram, julgo no en-

tanto merecer divulgação o resultado dessas identificações, pela originalidade relativa de algumas delas. E julgo ainda oportunas essas considerações de ordem geral, as quais são ainda a principal justificação do tema e da orientação seguida na redação deste artigo.

Quem hoje queira entre nós tentar saber a que espécie pertence uma qualquer planta colhida no campo, terá grande dificuldade em conseguir só por si a identificação respectiva.

"A Flora de Portugal (Plantas vasculares)" de Pereira Coutinho, cuja primeira edição foi publicada em 1913 e a segunda em 1939, está completamente esgotada; e nem sequer um exemplar em segunda-mão é possível encontrar à venda nos alfarrabistas.

Não havendo qualquer outra obra semelhante que a possa substituir, à parte a "*Flora Portuguesa*" de Gonçalo Sampaio, também esgotada, na falta de bibliografia espanhola, e dada ainda a circunstância da "*Flora Europaea*", em publicação, não estar terminada nem ser acessível, pelo preço e por ser escrita em inglês, tem de se recorrer a publicações de origem francesa ou inglesa, cuja inadaptação ao caso português é evidente, dada a diversidade das posições geográficas dos países ou regiões a que se reportam.

É o caso das obras de Gaston Bonnier ("*La Méthode simple pour trouver les noms des fleurs sans aucune notion de Botanique*", Paris) e de D. McClintock e R. S. Fitter, traduzida em francês por S. e C. Favarger ("*Guide des Plantes à Fleurs*" Neuchatel, 1964), entre as mais fáceis de utilizar quando não se trate de um botânico; livros cuja insuficiência em relação a Portugal é manifesta pela falta das numerosas espécies e variedades próprias das floras só de Portugal ou da Península Ibérica, que não são neles incluídas. E o mesmo se poderá dizer, por exemplo, a propósito de outras obras mais categorizadas como a "*Flore complète, illustrée en couleurs, de France, Suisse et Belgique*", também da autoria de Gaston Bonnier.

Tal situação tem grandes e graves inconvenientes tanto para os estudos de Botânica como de Ecologia, como de outros que se baseiam numa e outra ciências, dizendo respeito tanto à Agronomia como à Silvicultura. E tem ainda nefasto reflexo na cultura geral da população, entre a qual não é possível fazer uma divulgação acessível, dada a ignorância generalizada dos conhecimentos mais banais sobre a sistemática da flora portuguesa.

Enquanto que em muitos outros países da Europa, como por exemplo a França, a Inglaterra e a Alemanha (e ainda recentemente vi uma flora da Hungria, feita em moldes de servir a qualquer botânico amador), é possível dispor-se de uma obra acessível que facilita essa divulgação, entre nós estamos até impossibilitados de utilizar a única obra de conjunto existente, a Flora de Pereira Coutinho, por estar total e completamente esgotada.

Raros possuem a 1.^a edição e mais raros

ainda possuem a 2.^a, independentemente da desatualização respectiva que torna mesmo assim a própria 2.^a edição insuficiente, dadas as numerosas correções e aditamentos que vários autores têm vindo a fazer-lhe.

Essa situação é tanto mais incompreensível quando no momento não nos faltam botânicos especializados em Sistemática, de reconhecida competência, que facilmente poderiam encarregar-se tanto de organizar uma 3.^a edição da Flora de Pereira Coutinho, como de fazer um manual destinado ao público em geral, não só para estimular o interesse pelos estudos botânicos e ecológicos, como para ajudar aqueles raros com entusiasmo por esses estudos e que não encontram os recursos bibliográficos de que necessitam para poderem satisfazer a sua curiosidade.

Como sair desta posição? Não me competindo sugerir soluções limito-me a insistir na necessidade urgentíssima de quem de direito tomar as decisões que as circunstâncias impõem, para se poderem pôr à disposição de qualquer as obras indispensáveis para que a identificação científica de plantas da nossa flora não seja apenas tarefa de um muito limitado grupo de especialistas.

Cite-se, com exemplo a recente publicação feita pela «Fundação Calouste Gulbenkian» da obra do Prof. João de Carvalho e Vasconcelos "*Pteridofitas de Portugal Continental e Ilhas Adjacentes*", que muito virá facilitar a identificação das plantas dessa grupo. Bom seria que a estas outras monografias de tipo idêntico se seguissem, como por exemplo sobre a flora aquática, cujo estudo é hoje praticamente impossível a qualquer e tem tão grande interesse tanto botânico, como ecológico e aquícola.

* * *

Às colheitas realizadas em S. Pedro de Moel em 8 e 9 de Abril de 1968 foram por assim dizer complementares daquelas outras cujos resultados foram divulgados na *Gazeta* no n.º 2611, de 16 de Março de 1967 (pg. 215-222), no artigo intitulado "*Em defesa das dunas e vales ribeirinhos do litoral da Mata de Leiria*".

Os locais e as condições onde vege-

tavam os exemplares colhidos, embora estivessem dentro da área de S. Pedro de Moel, foram em parte diferentes; primeiro, ainda dentro da propriedade da Casa Leitão, as plantas incluídas nesta segunda lista encontravam-se, além da horta, nas fendas de um chão de cimento ou de um muro, e as restantes na parte da praia mais afastada do mar, junto às chamadas «grades», quer na areia seca quer na areia molhada pelo esgoto da fonte da «Praça», correspondendo assim, estas últimas, a duas situações distintas ainda que a natureza do substrato fosse a mesma. No muro, ou paredão, encimado por essas grades, também foi feita a colheita de exemplares de uma única espécie.

Repetiram-se, por assim dizer, a horta da Casa Leitão e as dunas (junto à estrada para a piscina, vindo da praceta à entrada de S. Pedro de Moel, do lado de quem vem das Paredes), locais e condições onde, acidentalmente, se fizeram colheitas.

Dispensar-me de quaisquer considerações de ordem ecológica a propósito das identificações realizadas; falta-me a competência para tanto. Limitar-me-ei a chamar a atenção para o facto de em 42 espécies de plantas apenas 13 terem sido citadas por Arala Pinto ("O Pinhal do Rei", vol. 2, 1939) e 7 por mim no artigo anterior citado. Há assim a registar a originalidade relativa das colheitas realizadas; verdade é que Arala Pinto certamente se preocupou mais com a flora do interior da mata e, neste caso, trata-se de plantas que aparecem na povoação de S. Pedro de Moel, quer no caso da horta de uma casa particular, quer numa área da praia. Não admira assim que tenha havido novidades na lista agora apresentada, entre as quais uma das que pode merecer referência especial é a identificação do *Oxalis pes-caprae* L, erva-pata, erva-canária ou trevo-azedo, de origem sul-africana (Cabo da Boa-Esperança), que a partir pelo menos de 1828 tem vindo a ser encontrada em Portugal numa área cada vez mais vasta (ver C.N. Tavares, "Alguns dados sobre a naturalização, morfologia floral e produção de sementes de *Oxalis pes-caprae* L. em Portugal" — (Revista da Faculdade de Ciências, II Série, C — Ciências Naturais, vol XIV — Fasc. 1.º, pág. 33, Lisboa, 1966).

Quanto se disse na primeira parte deste artigo, depois da introdução, foi quanto o exemplo ofereceu oportunidade; a conclusão a apresentar agora não pode ser outra do que chamar a atenção para as dificuldades consequentes para toda a actividade científica ou técnica que esteja dependente da cultura geral do público.

Surpreendem-se aqueles que se dedicam à Protecção da Natureza, por exemplo, com a indiferença que encontram em relação aos problemas de maior interesse geral ao estudo da solução do qual se dedicam; surpreendem-se e vêem-se abraços, como resultado, com as maiores dificuldades para conseguirem (e não conseguem) a colaboração indispensável desse público, mesmo do que esteja directo e pessoalmente interessado na resolução de tais problemas. O mal, o grande mal, está na ignorância, nomeadamente em relação às Ciências Naturais, quando esses problemas dizem respeito à flora ou fauna; e essa ignorância não pode deixar de existir enquanto o estudo dessas Ciências no Liceu e Colégios não for orientado de uma forma menos teórica e ainda, e enquanto não houver à disposição de qualquer interessado uma bibliografia acessível e atraente.

Os prejuízos que resultam para o País da situação em que nos encontramos, embora não sejam compreendidos por uma esmagadora maioria, são de extraordinário vulto, traduzidos em gastos inúteis, ou fracos rendimentos, ligados a iniciativas particulares ou oficiais, cujo sucesso ou relativo sucesso se deve em grande parte à falta de apoio e incompreensão do público como consequência da modéstia da sua cultura geral. E nesta estão englobadas as Ciências Naturais, cujo lugar, quando secundário ou secundaríssimo, pode justificar em parte a falência ou até a impossibilidade dessas iniciativas quando se fundamentem nos conhecimentos que lhe estão ligados, como sejam os relacionados com a Agricultura, Silvicultura, Caça e Pesca.

Tal problema não é grave para ser antes gravíssimo, e da maior acuidade, ainda que possa haver muito quem não aceite como justa tal opinião.

Lista das plantas colhidas pelo autor em S. Pedro de Moel

(8, 9-4-1968)

Gramíneas

Bromus diandrus Roth. — S. Pedro de Moel, horta da casa Leitão, 9-4-1968.

Lolium multiflorum Lam. — S. Pedro de Moel, praia em frente à Praça, abaixo das grades, 9-4-1968.

Phalaris brachystachys Link. — S. Pedro de Moel, praia, esgoto da fonte, 9-4-1968.

Poa annua L. — S. Pedro de Moel, praia, esgoto da fonte, 9-4-1968.

Idem, horta da casa Leitão, 9-4-1968.

Poligonáceas

Rumex bucephalophorus L. ssp. *hispanicus* (Steinh.) Rich. f. — S. Pedro de Moel, duna (secção de abrigo) estrada para a piscina, 8-4-1968.

Urticáceas

Urtica dubia Forskal. — S. Pedro de Moel, casa Leitão, 8-4-1968.

Idem, praia, em frente à Praça, abaixo das grades, 9-4-1968.

Quenopodiáceas

Chenopodium murale L. — S. Pedro de Moel, praia, em frente à Praça, abaixo das grades, 9-4-1968.

Idem, praia, esgoto da fonte, 9-4-1968.

Cariofiláceas

Cerastium glomeratum Thuill. — S. Pedro de Moel, horta da casa Leitão, 9-4-1968.

Honkenya peploides (L.) Ehrh. — S. Pedro de Moel, 8-4-1968.

Polycarpon tetraphyllum (L.) L. — S. Pedro de Moel, casa Leitão (chão de cimento).

Idem, junto à Praça, abaixo das grades, 9-4-1968.

Silene littoria Brot. var. *littoria* — S. Pedro de Moel, duna (secção de abrigo), estrada para a piscina, 8-4-1968.

Stellaria media (L.) Vill. — S. Pedro de Moel, praia, esgoto da fonte, 9-4-1968.

Ranunculáceas

Ranunculus muricatus L. — S. Pedro de Moel, horta da casa Leitão, 9-4-1968.

Papaveráceas

Fumaria muralis Sonder ex Koch ssp. *muralis* — S. Pedro de Moel, praia, em frente à Praça, abaixo das grades, 9-4-1968.

Fumaria muralis Sonder ex Koch — S. Pedro de Moel, horta da casa Leitão, 8-4-1968.

Papaver dubium L. — S. Pedro de Moel, praia, 8-4-1968.

Idem, praia, esgoto da fonte, 9-4-1968.

Papaver somniferum L. — S. Pedro de Moel, horta da casa Leitão, 9-4-1968.

Papaver strigosum (Boenn.) Schur — S. Pedro de Moel, horta da casa Leitão, 9-4-1868.

Crucíferas

Cakile maritima Scop. ssp. *maritima* — S. Pedro de Moel, praia, 8-4-1968.

Mathiola sinuata (L.) R. Br. — S. Pedro de Moel, duna, margem da rua (Rua dr. Anibal Betencourt), 8-4-1968.

Idem, praia, esgoto da fonte, 9-4-1968.

Idem, praia, frente à Praça, abaixo das grades,

Nasturtium officinale R. Br. — S. Pedro de Moel, praia, esgoto da fonte, 9-4-1968.

Leguminosas

Medicago littoralis Rode var. *inermis* Moris — S. Pedro de Moel, praia, esgoto da fonte, 9-4-1968.

Oxalidáceas

Oxalis pes-caprae L. — S. Pedro de Moel, entre o muro e o chão de cimento, horta da casa Leitão, 8-4-1968.

Geraniáceas

Erodium moschatum (L.) L'Hérit. — S. Pedro de Moel, praia, junto à Praça, abaixo das grades, 9-4-1968.

Geranium dissectum, L. — S. Pedro de Moel, horta da casa Leitão, 9-4-1968.

Geranium mole L. — S. Pedro de Moel, casa Leitão, chão de cimento, 8-4-1968.

Euforbiáceas

Euphorbia helioscopia L. — S. Pedro de Moel, horta da casa Leitão, 9-4-1968.

Euphorbia peplus L. var. *peplus*. — S. Pedro de Moel, casa Leitão, muro, 8-4-1968.

Epilobium parviflorum (Schreb.) Reichdt. — S. Pedro de Moel, praia, esgoto da fonte, 9-4-1968.

Umbelíferas

Apium nodiflorum (L.) Lga. — S. Pedro de Moel, horta da casa Leitão, 9-4-1968.

Crithmum maritimum L. — S. Pedro de Moel, no muro das grades, 9-4-1968.

Ericáceas

Erica umbellata L. — S. Pedro de Moel, duna (secção de abrigo), estrada para a piscina, 8-4-1968.

(Conclui na pág. n.º 10)

ASPECTOS SOCIOLÓGICOS DO ORDENAMENTO RURAL

Por G. SANTA RITTA
Eng. Agrónomo

EMBORA haja em Espanha, por vezes, uma certa tendência para confundir as realizações de política social agrária e as técnicas de serviço social com a actividade puramente científica dos sociólogos rurais, a verdade é que se nota, no país vizinho, uma florescência de conhecimentos de natureza sociológica verdadeiramente notável. As necessidades de aplicação prática desses conhecimentos, a grande vitalidade dos centros de acção social agrária, podem dar às vezes um aspecto de menor academismo ou mesmo de pouca maturidade científica a alguns trabalhos e a alguns estudos. Mas tomáramos nós que em Portugal se trabalhasse com o mesmo entusiasmo neste sector, e que fosse possível aos serviços agrícolas oficiais especializados em problemas sociais estudar com o mesmo entusiasmo e actuar com a mesma fé.

Estas considerações ocorreram-me a propósito de mais uma valiosíssima publicação da «série monográfica» do «Servicio Nacional de Concentración Parcelaria y Ordenación Rural», intitulada «Aspectos Sociológicos de la Ordenación Rural».

Este livro, que contém colaboração de diversos especialistas, toda ela valiosa,

toma um aspecto particularmente interessante quando os estudos convergem para uma síntese geral de natureza puramente científica. É o trabalho do Prof. Ramon Buve, da Universidade de Leiden, que proporciona a referida síntese.

A investigação sociológica, começa por dizer o Prof. Buve, pode ser de grande utilidade para os técnicos agrários, em relação às suas tarefas. Isto significa que, ao trabalhar numa zona, devem verificar se foram feitas na mesma investigações sociológicas, as quais poderão não ter uma relação muito íntima com a agricultura própria dita, mas proporcionarão sem dúvida informação geral e lhes darão uma ideia da região, que lhes permita orientar-se melhor e com mais acerto.

A investigação possível neste sector é dividida em diversas formas, podendo afirmar-se que as principais são:

- 1 — Aproveitamento do material sociológico existente.
- 2 — Inserção directa da investigação sociológica nas necessidades de desenvolvimento agrícola.
- 3 — Manejo duma determinada técnica de investigação sociológica pelo próprio

técnico agrário, para obter dados relativos às suas actividades presentes e futuras na região.

Quanto à segunda forma, a inserção directa da investigação sociológica, o Prof. Buve subdivide-a em três tipos:

- a — investigação preliminar;
- b — investigação operativa («action research»);
- c — estudo de avaliação.

A investigação operativa tem, como se compreende, uma grande importância. É uma investigação que se efectua à medida que se vai realizando um determinado programa, um determinado projecto de desenvolvimento, e que, ao mesmo tempo, trata de descobrir até que ponto o plano produz efeito no território interessado. A intervenção oficial e a investigação sociológica caminham paralelamente.

Esta importância atribuída à *action research* é bem fácil de compreender se pensarmos como tantas vezes os projectos se desenvolvem completamente à margem do interesse das populações, como resultado de decisões unilaterais do Estado ou dos corpos administrativos.

A vantagem de incluir no projecto a investigação sociológica, diz o Prof. Buve, é que se pode conduzi-la sobre o terreno e de harmonia com as necessidades diárias do projecto. Depois de apontar exemplos, dá algumas normas, que me parecem de grande utilidade nesta matéria. Assim, se for decidido efectuar uma investigação sociológica para obter dados sobre as implicações sociais de determinada intervenção planificadora, convém actuar com tempo; devem entregar-se as investigações a sociólogos com suficiente treino e experiência e independentes do regime político ou da autoridade nacional ou regional que determina o estudo; deve manter-se o sociólogo em contacto regular com a entidade que o encarregou da investigação.

Seguidamente, o Prof. Buve aponta algumas dificuldades de aplicação duma investigação tipo *action research*, pelo facto dela ser efectuada à medida que os aspectos parciais do plano vão surgindo,

e portanto sem uma perspectiva global; a investigação pode causar certa confusão, quando efectuada simultaneamente com o projecto em execução, no sentido de certos elementos poderem apagar-se ou perder-se de vista. Por isso, e apesar da importância, atrás referida, de que se reveste, este tipo de investigação deve reservar-se aos programas gerais de desenvolvimento agrícola.

Quanto à *investigação de avaliação*, tem aplicação abundante em todo o género de planos de desenvolvimento, pois só ela permite, uma vez ultimado um programa de desenvolvimento agrícola, registar objectivamente os resultados obtidos com uma intervenção planificadora.

Passando depois a analisar a técnica de investigação, o Prof. Buve refere-se minuciosamente às duas técnicas hoje mais utilizadas na investigação sociológica: a *observação participante* e a *entrevista*. Quanto à primeira, alude às fases da sua realização, apresentando alguns exemplos bastante elucidativos e referindo os meios para conseguir uma participação efectiva. Quanto à entrevista, cita as diversas classes de entrevistas, as suas fases (introdução, questionário próprio dito e fecho), proporcionando também indicações de carácter prático muito úteis.

Outro trabalho cujas características sociológicas são bastante positivas, neste volume, é o apresentado pelo Prof. Siguan Soler sobre *dinâmica de grupos*. O assunto começa agora a ser falado entre nós, e não há dúvida que do seu conhecimento só resultam vantagens.

A psicologia social e a sociologia contemporânea, diz aquele autor, fizeram-nos compreender que o homem não vive nunca só, mas sim fazendo parte dum grupo, ou de vários grupos simultaneamente; e que a sua conduta está condicionada em grande parte pelo grupo ou grupos a que pertence. Assim, todo o esforço para influir e para melhorar a conduta humana, e portanto, igualmente, o que se exerça para melhorar o comportamento dos agricultores, é, na realidade, um esforço para influir sobre os grupos.

Passando a referir a *estrutura do grupo*, o Prof. Siguan começa por salientar que *em qualquer grupo, podemos distinguir*

uma divisão funcional do trabalho ou da actividade e uma hierarquia de autoridade e de prestígio.

Estudando em seguida a *autoridade* no grupo, define-a como *a capacidade de tomar decisões que sejam cumpridas pelos indivíduos do grupo.* Perante o chefe dum grupo organizado, este chefe espontâneo encontra-se, de certo modo, em condições de inferioridade, porquanto aquele tem desde o primeiro momento uma autoridade formal que se apoia em regulamentos. Têm especial interesse as noções em seguida apresentadas sobre: as características do *líder* (note-se que emprego o termo aportuguesado *líder*, como se faz no Brasil, porque a palavra chefe teve nalguns países da Europa, um significado político totalitário que lhe deformou o sentido); o Prof. Siguan, porém, emprega a palavra *Jefe*; ideias e formas de pensar do grupo; formas de actuação do grupo; o indivíduo e o grupo.

Passando da *estrutura* para a *actividade do grupo*, reconhece-se que, para que um grupo se mantenha, tem que conservar a sua unidade e a sua conexão e, possivelmente, reforçar as suas actividades mais importantes. Os grupos diferem pelo seu grau de integração interna, aumentando esse grau de coesão o equilíbrio existente entre as necessidades do indivíduo e as exigências do grupo, entre a independência dos indivíduos e a pressão do grupo para reforçar-se. Neste capítulo, o autor refere ainda as relações entre o grupo e a sociedade e os objectivos concretos do grupo. Entra-se, em seguida, num aspecto verdadeiramente fundamental: *a adaptação à mudança.* Como reage um grupo perante uma mudança da situação externa? A actuação de qualquer grupo tende a tornar-se habitual, repetitiva; a sua actividade pode definir-se como um conjunto de hábitos colectivos; o grupo, em princípio, reage sempre da mesma maneira perante as mesmas situações. No entanto, para todo o grupo, chegam momentos em que a sua maneira habitual de comportar-se não é eficaz, porque a situação exterior mudou notavelmente. Mas nesse caso, *não é suficiente a mera informação para fazer mudar as atitudes e a maneira de actuar do grupo.*

Surge, assim, a pergunta que constitui o fecho e o objectivo do trabalho do Prof. Siguan: *como influir sobre os grupos?* A resposta é bem clara: *apesar de todas as dificuldades, a participação colectiva é o único caminho eficaz para conseguir a mudança de atitudes dum grupo.* Aquele que as conhece e as prevê na sua actuação, não pode alimentar optimismos ingénuos, mas evita decepções e surpresas.

Temos estado a seguir, nesta exposição, a ordem inversa por que os trabalhos são apresentados na publicação do «Servicio de Concentración Parcelaria y Ordenación Rural». Não admira, pois pretendemos extrair, sobretudo, matéria de informação especificamente sociológica, enquanto o objectivo da publicação consiste principalmente, segundo cremos, em apresentar dados de carácter pragmático que a investigação sociológica possa proporcionar. Passamos, deste modo, a referir um estudo, do Dr. Marco Marchioni, em que os conhecimentos sobre dinâmica de grupos têm grande valor: *a finalidade e a importância do desenvolvimento comunitário.* Os leitores não desconhecem o que penso sobre as técnicas de serviço social, em geral, e o desenvolvimento comunitário em particular. Não vale a pena, por isso, repetir agora o que já várias vezes tenho afirmado. Limito-me, por isso, a referir alguns pontos da exposição, bastante clara, do Dr. Marchioni.

O desenvolvimento comunitário, explica, consiste num conjunto de princípios, métodos e finalidades destinados a efectuar um processo de desenvolvimento em comunidades que não possuem um nível de vida satisfatório. Nasceu fundamentalmente nos países pobres; o desenvolvimento da humanidade em geral e das zonas subdesenvolvidas em particular, tem de ser sempre o ponto de referência, a dimensão socio-económica do desenvolvimento comunitário; a sua base ideológica consiste na crença de que os homens são capazes de forjar o seu próprio desenvolvimento. Na essência da sua definição figuram os seguintes elementos:

1 — É um processo de melhoria.

2 — Engloba todos os aspectos da vida da comunidade.

3—É levado a cabo pelos próprios membros da comunidade.

Passando em seguida aos princípios do desenvolvimento comunitário, são apontados os seguintes: a) participação; b) ritmo de desenvolvimento.

Quanto às características do trabalho de desenvolvimento comunitário, são citadas as seguintes: 1—ter características ordinárias, isto é, susceptíveis de repetição; 2—produzir resultados mensuráveis; 3—não deve isolar a comunidade-piloto.

O trabalho de Marchioni, que é bastante extenso, considera ainda a importância da metodologia no desenvolvimento comunitário, apontando, nomeadamente os componentes essenciais e as diversas fases do processo de desenvolvimento (fase de estudo e conhecimento da realidade, fase de audição, fase de intervenção inicial, fase de intervenção ordinária e fase de intervenção intercomunitária), termina por estudar, com bastante minúcia, o papel e a formação dos líderes no processo de desenvolvimento comunitário.

Terminaremos com uma referência (mantendo a ordem inversa na exposição) ao trabalho que constitui por assim dizer a apresentação da obra: um estudo de Luís Garcia de Oteyza sobre *La Ordenación Rural como instrumento de planificación y desarrollo*. Nesse estudo, o autor sublinha, muito justamente, que o emparcelamento introduz na vida dos povos um espírito de renovação que permite sacudir em curto prazo de tempo a rotina acumulada durante séculos. Nas zonas em que se efectuaram estudos para conhecer os efeitos do emparcelamento, observa-se nos agricultores um espírito aberto às inovações técnicas, realização de melhoramentos fundiários e implantação de regadios. O emparcelamento pode considerar-se, de certo modo, o arranque dum processo de revalorização da economia agrária nas zonas de predomínio da pequena e média propriedade. Constitui portanto uma necessidade básica, mas não será suficiente. Uma concepção mais ampla, cuja natureza implica vastos

conhecimentos de ordem sociológica, torna-se, pois, necessária: é a concepção de «ordenamento rural».

Ao mesmo tempo que esta concepção se foi desenvolvendo no equacionamento dos problemas agrários, foi adquirindo maior importância a ideia de que, para conseguir qualquer melhoria de carácter permanente na agricultura, é preciso contar com a vontade e a adesão dos próprios interessados e das suas organizações profissionais.

A propósito da flora de S. Pedro de Moel (Mata de Leiria)

(Conclusão da pág. n.º 6)

Plumbagináceas

Armeria welwitschii Dss. var. *platyphylla* Dav.
— S. Pedro de Moel, duna alta, 9-4-1968.

Plantagináceas

Plantago coronopus L. [var. *latifolia* DC. — S. Pedro de Moel, praia, esgoto da fonte, 9-4-1968.

Plantago major L. — S. Pedro de Moel, horta da Leitão, 9-4-1968.

Plantago major L. ssp. *major* — S. Pedro de Moel, praia, esgoto da fonte, 9-4-1968.

Compostas

Chamaemelum fuscatum (Brot) Vasc. — S. Pedro de Moel, horta da casa Leitão, 9-4-1968.

Cryptostemma calendulaceum (Willd.) R. Br. — S. Pedro de Moel, praia, em frente à Praça, abaixo das grades, 9-4-1968.

Filago spathulata Presl. var. *prostata* (Parl.) Wk. — S. Pedro de Moel, praia, esgoto da fonte, 9-4-1968.

Senecio gallicus Chaix — S. Pedro de Moel, praia, em frente à Praça, abaixo às grades, 9-4-1968.

Idem, duna (secção de abrigo), rua para a piscina, 8-4-1968.

Senecio vulgaris L. — S. Pedro de Moel, praia, esgoto da fonte, 9-4-1968.

Idem, casa Leitão, chão de cimento, 8-4-1968.

Sonchus oleraceus L. — S. Pedro de Moel, horta da casa Leitão, 9-4-1968.

Idem, praia, em frente, à Praia, abaixo das grades, 9-4-1968.

Idem, casa Leitão, chão de cimento, 8-4-1968.

A exploração do gado

bovino no Noroeste

Por LUÍS BIVAR
Eng. Agrônomo

(Conclusão do n.º 2611 pág. 222)

As três culturas de que falei nos artigos anteriores (milharadas, prados de trevos e consociações de forragens) só se devem praticar em terras férteis ou, pelo menos, de mediana fertilidade e onde se possa regar de vez em quando.

Ora por vezes, para não dizer quase sempre, há uns pedaços maus nas propriedades; e convém ocupá-los, a menos que, evidentemente, a cultura que se lhes destine em vez de dar algum lucro redunde em prejuízo.

É, a propósito, lembrem-me agora dois casos, de que o segundo, pelo menos, me dá vontade de rir.

Um, pode verificar-se por toda a parte; o nosso ingénuo lavrador minhoto continua a cultivar milho nas encostas, por vezes bem fracas, onde todos os anos tem um prejuízo maior ou menor, *absolutamente garantido*.

O outro... é o dum sujeito cujo nome não me convém revelar que tem um campo, arrendado, que lhe dava um carro de milho, ou seja cerca de 1200\$00.

Um seu jornaleiro tanto o consumiu, ou

por outra, tanto lhe consumiu a mulher, que ele, além de tirar o campo a outro para lho entregar, lhe fez uma casa, com água e luz, e um poço, com moto-bomba, para rega do campo e abastecimento da casa.

Mas ainda arranjou mais. Arranjou com que o senhorio, saltando por cima de justos cálculos, lhe arrendasse tudo por uma ninharia. E agora ele, em vez de receber 1200\$00 pelo campo recebe 2100\$00; mas feitas as contas ao que gastou, está a perder 1800\$00 por ano, isto é, vez e meia o que recebia!

Ora na agricultura não se podem fazer asneiras iguais a esta, nem sequer aproximadas. Se uma terra dá prejuízo, deixa-se a mato ou então põem-se-lhe pinheiros, eucaliptos ou choupos, conforme os casos.

Mas desde que haja gado, muitas vezes é possível tirar lucro do chão sem ser com mato ou pastagens criadas à lei da Natureza.

Comecemos pelas terras alagadiças, com água estagnada ou pouco menos.

Embora a *erva molar* não seja grande coisa, ela está perfeitamente indicada para

esses terrenos, onde o azevém, uma forragem muito melhor, não se aguenta.

E também se deve semear a *lingua de ovelha*; é uma erva que, nos livros e revistas agrícolas, anda pelas ruas da amargura, mas que eu, sem ser seu grande admirador, tenho aconselhado, em casos particulares, por causa da sua rusticidade e adaptação a todos ou quase todos os terrenos.

De resto ela dá-se bem (embora com produções bastante diferentes) tanto nas terras férteis como nas pobres, nas secas como nas húmidas (com água corrente ou estagnada) e aguenta os grandes frios.

A *erva molar*, embora em menor escala, aproxima-se bastante dela quanto aos aspectos de adaptabilidade de que acabo de falar.

Pode-se, pois, semear quer uma quer outra, de preferência na Primavera ou no Outono, nas terras alagadiças. Mas, se tal for possível, o melhor será sanear os terrenos, drenando-os e tornando-os aptos, depois duma correcção calcária, para as boas forragens de que anteriormente falei; tenham, porém cautela, não lhes vá também acontecer como ao outro que arranjou a casa e o poço para o caseiro.

Vamos agora tratar das terras secas, as quais, em geral, são bastante pobres.

E' claro que, nessas, também não podemos pensar em obter boas nem talvez médias produções de forragens. Mas, desde que, longe de haver prejuizo, elas possam dar algum lucro, devem-se aproveitar.

E como pensar no mal dos outros (tão mau fundo, em geral, nós temos!) nos serve de consolação, vou-lhes contar o que me aconteceu numa das minhas raríssimas viagens de estudo.

Encontrava-me eu em Elvas e fui com um colega visitar um «monte», uma grande propriedade que ele orientava.

A certa altura foi-se aproximando de nós um rebanho de ovelhas que, paulatina e persistentemente, vinha tosando a mais que rala e raquítica pastagem.

Quando ele chegou até nós, o pastor, em conversa com o meu colega, disse-lhe que, até à data, já tinham morrido 20 borregos (o rebanho tinha umas 200 cabeças).

E eu que, intrigado, muito ingenuamente procurara ser esclarecido, vim a

saber que os 20 bichinhos tinham morrido... de fome!

Eis como as coisas lá se passam ou passavam.

As crias são muitas e os pastos, muito grandes em dimensões, são pequeníssimos em produção. As pobres das ovelhas, em rebanho, levam os seus borregos que, melhor ou pior, vão arranando qualquer coisa que comer, à custa de longos percursos.

E, então, estabelece-se o ciclo vicioso. Os borregos mais fraquinhos, como procuram menos, também comem menos do que os outros; comendo pouco, pastam menos, pastando menos enfraquecem mais e ainda menos pastam, e assim sucessivamente, até a morte lhes vir resolver a questão.

Ora com os nossos bichos, sejam eles quais forem, o caso é muito diferente; podem passar mais ou menos larica, mas lá de fome é que eles não morrem, a não ser talvez num ou outro caso raríssimos.

Mas deixemos as ovelhas transtaganas e voltemos à vaca fria.

Das nossas terras secas e fracas podemos tirar algum proveito quer só com árvores (pinheiros ou eucaliptos) quer com certas forragens, quer, nos primeiros anos, com ambas as coisas.

Mas que ervas semearemos?

Quanto a mim, a melhor é a famosa *Dactylis glomerata*, que até tem a vantagem de não se dar mal mesmo debaixo duma sombra razoável.

Produzirá pouco, é certo; mas também não dará grande trabalho visto que, uma vez semeada, se aguenta por largos anos.

Resiste muito bem à secura e ao calor e razoavelmente aos frios intensos; com estes, fica chamuscada, mas, em Fevereiro ou Março, volta a estar verde e a crescer mais ou menos, conforme as circunstâncias.

Também se aguenta muito bem nos terrenos pobres, pois cresce até aos lados e no cimo dos muros; mas, se se lhe der uma adubaçõzinha completa, agradece-la-á generosamente.

Quando trabalhei em forragens mereceu-me especial atenção essa planta, da qual isolei e multipliquei uma forma espontânea muito produtiva em solos férteis. E um dos meus sonhos era obter outra

Para terras muito pobres e secas; para tal, cheguei a colher sementes, mas, pouco tempo depois, fui encarregado de outros serviços.

A semente da *Dactylis glomerata* (não lhe conheço qualquer nome vulgar generalizado) é bastante cara e, por vezes, difícil de encontrar à venda. Mas, quem for previdente, pode-a arranjar por infimo preço, mandando-a colher, pela rapaziada, nos valados, onde é vulgaríssimo encontrá-la.

No Minho, segundo tenho observado, é preferível semeá-la na Primavera.

Além desta forragem conheço mais duas que talvez satisfaçam, na medida do possível; são a *erva molar* e a *língua de ovelha*, de que falei há pouco, ao referir-me aos terrenos encharcados. Não são famosas, é certo, mas, tais como ela, dão-se em terrenos onde as boas não resistem.

Não quis falar na serradela por se tratar duma forragem anual; mas também se pode usar, desde que lhe permitam que crie e lance a semente à terra.

E, dito isto, estamos quase chegados ao fim da fastidiosa e mais que prolongada série de artigos sobre criação de gado. Recapitulemos.

Todas as boas forragens que apontei devem ser cortadas, salvo talvez os trevos, que, num ou noutro caso poderão ser pastados, com as devidas cautelas (não deixar comer de mais nem estragar o prado). Estes serão sempre consumidos em verde, porque são bons de mais para ensilar e perdem muito com a fenação.

Das consociações de forragens, a dar em verde, o último corte deve-se destinar a feno.

Uma pequena parte das milharadas também poderá ser consumida em verde; mas o seu fim principal é o silo.

Quanto às forragens dos terrenos pobres, quer húmidos quer secos, embora possam ser cortadas, talvez haja vantagem em serem pastadas; poupa-se trabalho e proporcionam-se ao gado passeios salutareos.

E, em vez deste ser guardado pela criançada (que deve ir para a escola e estudar e brincar no tempo livre) ou pelos velhos (que já trabalharam muito e que

merecem descanso), encarreguemos a electricidade de tal serviço.

A vedação eléctrica é vulgaríssima nas regiões montanhosas do estrangeiro, onde o gado pasta durante boa parte do ano. E, entre nós, nada impede que possa também vir a sê-lo, pois a aparelhagem necessária não sai cara e a sua manutenção também não.

Ao gado estabulado, com as forragens que mencionei, pode-se fornecer a seguinte alimentação ao longo do ano:

Janeiro — Silagem, feno e consociação de forragens em verde.

Fevereiro — Idem.

Março — Idem e trevos.

Abril — Idem.

Maió — Feno, trevos e consociação de forragens em verde.

Junho — Trevos e feno e milho das mondas.

Julho — Idem.

Agosto — Trevo e fenos.

Setembro — Idem e milharada em verde.

Outubro — Trevo, feno e silagem (se for precisa).

Novembro — Silagem e consociação de forragens.

Dezembro — Idem.

Conforme se vê, com as culturas indicadas consegue-se uma boa e variada alimentação para o gado.

Resta-me agradecer a todos os que tiveram a paciência de lerem até ao fim, pedindo-lhes desculpa da demora e desejando que lhes seja proveitoso o que aqui expus conforme pude.

Nota — Vidé n.os 2574, 2579, 2583, 2597 e 2611 respectivamente de 1-9-66, 16-11-66, 16-1-67, 16-8-67 e 16-3-68.

Todo o lavrador português tem inúmeras vantagens em assinar a *Gazeta das Aldeias*. Aconselhe-a aos seus amigos, a quem ela possa interessar.

A Bela Arte dos Jardins

Os jardins ocidentais da Idade Média

Por
HORÁCIO ELISEU
Reg. Florestal

PIETRO Crescenzi, no seu referido tratado *Opus ruralium commodorum*, abriu o capítulo dedicado à Jardinagem com as seguintes palavras: «Aqui começa o oitavo livro dos vergéis e coisas deleitáveis, das pequenas árvores e ervas e dos seus frutos, que se dispõem com arte».

Usando obviamente o termo *vergéis* (visto que artísticos) com a significação de *jardins*, o autor, logo em seguida, passa a considerá-los sob as três seguintes espécies: «os de pequeno, os de médio e os de grande estado» (1).

Os *vergéis de pequeno estado*, adequados às pessoas comuns, apresentavam-se sob três modalidades: «os plantados exclusivamente de ervas (entenda-se, de plantas herbáceas floríferas, aromáticas, medicinais...); os plantados de árvores (entenda-se, de plantas lenhosas: arbustos, videiras e pequenas árvores frutíferas e ornamentais); e aqueles em que se misturavam as ervas e as árvores».

(1) As passagens que transcrevemos de Pietro Crescenzi provêm de citações de Marguerite Chageat.

Os *vergéis de médio estado*, adequados «às pessoas médias e grandes», variavam de extensão segundo «o estado das pessoas, a sua potência e dignidade» e, no geral, caracterizavam-se pelo «agrupamento de vários jardins no conjunto do terreno», tal como já sucedera nos principais jardins das «vilas» romanas, na Antiguidade.

Os *vergéis de grande estado*, ou «vergéis reais e de outros nobres e ricos senhores», eram, em regra, maiores e mais complexos. Para tais personagens, naturalmente ao abrigo de preocupações financeiras, o essencial era «a arte e a ciência de bem ordenar as partes». E, entre estas, não se dispensava o bosque, ou parque de caça, com a sua competente reserva de animais cinegéticos, tais como coelhos, lebres, cabritos-monteses, gamos e veados.

A semelhança do que sucedia nos vergéis de médio estado, também aqui as partes ajardinadas, ou jardins propriamente ditos, se dispersavam no conjunto do vergel, intercalando-se com belos pomares e outro arvoredo (o de folha per-

manente era muito apreciado), hortas, tanques com reserva de peixes, capoeiras e gaiolas com aves domésticas, cinegéticas e canoras...

Avenidas arborizadas que se estendiam entre o Palácio e o bosque, criavam os desejáveis «campos ópticos», anunciantes dos jardins da Renascença.

Raro faltava o recinto das singularidades, constituídas por «enxertos maravilhosos» e «outras coisas novas e inacostumadas, que parecem miraculosas a certas pessoas».

Latadas, pérgolas, berços e diferentes pavilhões de materiais ligeiros, ou progressivamente mais valiosos, eram também frequentes, sobretudo nos vergéis de médio e de grande estado, cuja composição era ainda realçada pelos característicos «pradinhos» ou tapetes relvados, que parece terem constituído um dos temas essenciais dos jardins da Idade Média.

O «pradinho» (em francês: *préau*, de *pratellum* = relvado), na sua expressão mais simples, era constituído por uma parcela de terreno de dimensões variáveis, quadrada ou rectangular, despida de árvores e semeada de gazão.

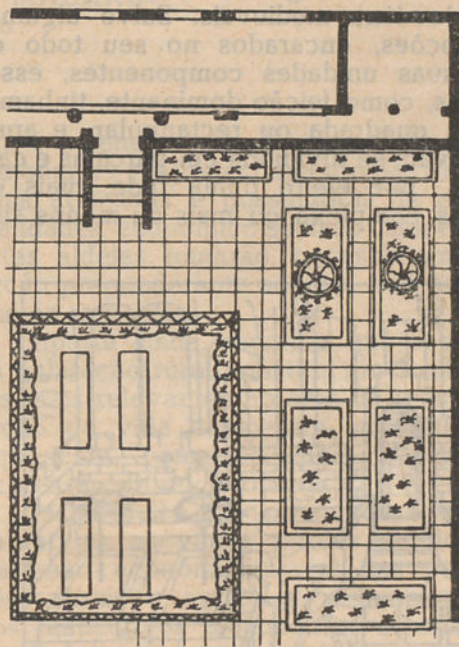
Pietro Crescenzi recomendava que se tivesse o maior cuidado no calcamento da erva, «por forma a que ela apareça como um lençol verde»; e que se plantem em volta algumas ervas aromáticas, tais como arruda, salva, hissopo, mangericão, hortelã e segurelha», e «também outras para ter flores, como rosas, violetas, maravilhas, lírios...». Ainda recomendava que, junto ao *pratellum*, se instalasse uma fonte e um ou mais «bancos de gazão», sombreados por parreiras.

Estes bancos eram constituídos por muretes de pedra ou tijolo, sobre os quais se assentavam leivas de gazão, à laia de estofo.

O «pradinho» que, nos pequenos jardins chegou a constituir o único tema, figurou com frequência nas iluminuras. E sofreu progressivas transformações—ora aparecendo rodeado por pequenos canteiros rectangulares separados por estreitos caminhos, ora envolvido por uma sebe ou por um gradeamento mais ou menos ligeiro, ora emoldurado por galerias, à maneira dos peristilos greco-romanos,

como veio a suceder em alguns jardins mais ricos.

A par dos vergéis «de pequeno, de médio, ou de grande estado», sabe-se, como já referimos, que ao fim do século XIII também já existiam no Ocidente cristão numerosos jardins-pátios, derivados dos cortis, e alguns jardins claustrais. E se ambos, praticamente ou por natureza, eram jardins interiores, todos os restantes, salvo algumas excepções, ou eram veda-



Planta dum jardim medieval, segundo uma iluminura do Século XV

dos por altos muros ou localizavam-se no interior das cercas muralhadas dos conventos, dos castelos e dos palácios feudais. E eram então defendidos por sebes, paliçadas ou gradeamentos, de cujo aspecto os artistas da época nos legaram muitas imagens.

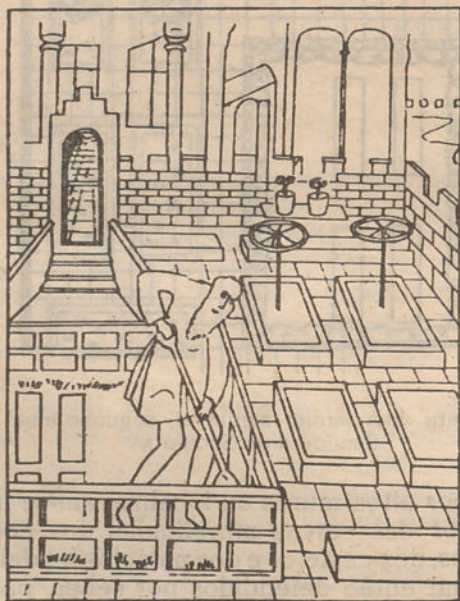
Para o caso dos vergéis extramuros, no geral menos artísticos do que utilitários, recomendava Pietro Crescenzi que as vedações fossem reforçadas em obediência às seguintes normas:

Primeiro, abre-se um fosso exterior, que será seco ou cheio de água; na margem deste planta-se uma sebe de arbustos

espinhosos em mistura com roseiras; e, por dentro desta, uma terceira vedação constituída por romãzeiras, aveleiras, maieiras ou marmeleiros.

Dentro do recinto assim defendido, ordenam-se as plantações, devidamente alinhadas e regularmente espaçadas, as árvores maiores a intervalos duplos das mais pequenas, distribuindo-se videiras entre as sucessivas fiadas...

É tempo de assinalarmos as restantes características, genéricas e específicas, dos jardins medievais. Salvo algumas excepções, encarados no seu todo ou nas suas unidades componentes, esses jardins, como feição dominante, tinham a forma quadrada ou rectangular; e apresentavam-se divididos em parcelas e canteiros, por efeito duma rede, mais ou menos complexa ou mais ou menos sim-



Perspectiva do mesmo jardim medieval

plificada, de caminhos rectos, cortando-se perpendicularmente.

Em certas figuras da composição, ou em jardins de área diminuta, os canteiros eram bastante pequenos e os caminhos estreitíssimos.

Talvez a partir do século XIV, esta rede ortogonal começou a ser acrescida

com caminhos diagonais, que davam a alguns canteiros a forma triangular.

Na maior parte dos casos (antes e depois desta inovação), os canteiros assim definidos eram realçados por guarnições ou bordaduras de buxo, aparadas segundo a antiga técnica da topiaria.

Noutros casos, nomeadamente em jardins-pátios, os canteiros eram contornados por muretes que os soerguiam, a uma altura que chegava, por vezes, a exceder meio metro. Canteiros idênticos encostavam-se aos muros de vedação, quando estes não eram revestidos com espaldeiras.

Em jardins deste tipo, era frequente que os passeios entre os canteiros fossem lajeados, com excepção dum pequeno quadrado ou rectângulo defendido por uma grade e, provavelmente, reservado à cultura de plantas medicinais.

Também tiveram largo emprego nos jardins da Idade Média as vedações ou paliçadas, de velhíssima tradição, constituídas por fiadas de canas, caniços ou vimes hábilmente entrelaçados, o que teria a finalidade de impedir a entrada dos animais domésticos nos canteiros. Tais vedações ofereciam as vantagens do seu baixo custo, facilidade de execução e razoável duração.

Mesmo nos jardins pequenos e médios não faltavam as latadas, pérgolas e berços para sustentar videiras. Estes elementos guarneciam, por vezes, grandes treços de caminhos intermédios ou de caminhos laterais contíguos aos muros.

Para suporte de roseiras, muito abundantes em todos estes jardins, usavam-se geralmente armações mais simples. Eram constituídas por uma estaca ou vara de madeira, de altura conveniente, cujo pé se cravava no solo dos canteiros, encimada por um arco horizontal, cremos que de vime, ligado à ponta da estaca por vários raios. A este arco se prendiam os sarmentos das plantas, que assim apresentariam o aspecto das nossas actuais roseiras enxertadas em haste alta.

Também alguns destes elementos de composição figuraram, com frequência, nas iluminuras; e alguns poderão reconhecer-se na gravura que reproduzimos.

A partir de certa altura, as fontes, de

(Conclui na pág. 26)

Em favor de uma política de bem-estar rural

Por J. PINTO MACHADO
Arquitecto

SEJAM quais forem as formas de actualiação ou os processos de financiamento a incluir no contexto de um programa de bem-estar rural à escala nacional, eles deverão ter em vista, e acima de tudo, não só o ressaneamento e a revivificação dos aglomerados populacionais, mas ainda a reorganização das respectivas infra-estruturas. Queremos com isto referir que pelo facto de não se tentar uma nova orientação, tendente a melhorar os conceitos de comunidade, a elevar o nível de vida, a revalorizar os meios de produção, a encontrar mercados para o consumo dessas produções, a ampliar as pequenas propriedades não rentáveis e insuficientemente equipadas, a compensar a escassez de mão-de-obra através do fomento de mecanização, etc., etc., dificilmente poderá aguardar-se que o nível de vida e o poder de compra das respectivas populações rurais e agrícolas possa considerar-se satisfatório.

Torna-se, portanto, indispensável encarar a ideia de que conscienciosos planos de reorganização agrária e de política de bem-estar rural venham oferecer e garantir ao homem dos campos um modo de vida e uma forma de viver compatíveis com a sua personalidade, com a sua actividade e com o seu bem-estar, no sentido de que assim se fomenta o progresso económico nacional.

Neste sentido deverá, e com urgência, promover-se uma eficaz acção dirigida tanto à intensificação de uma vultuosa campanha territorial visando a reconstru-

ção e a beneficiação da casa rural, como também ao reapetrechamento das aldeias mais atrasadas e possuidoras de potencialidades económico-sociais. Com efeito, estas aldeias tomarão, necessariamente, acção preponderante adentro dos futuros planos regionais.

Importa ainda, recordar que o sector da habitação rural constitui um dos factores mais relevantes no seio da reestruturação da vida campesina, pois que ela representa, como se sabe, a primeira expressão do núcleo familiar.

Assim, fácil é concluir-se que, ao serem garantidas as várias tarefas dirigidas à elevação económico-social das populações rurais e agrícolas, a beneficiação dos respectivos alojamentos estaria em condições de ser realizada à sua custa (portanto não acarretando ao erário público as actuais preocupações e sempre oneríssimas participações orçamentais), uma vez que os recursos económicos-productivos das populações talvez fossem suficientes para que tornassem possível melhorar em maior quantidade as habitações aldeãs. Não desconhecemos, no entanto, que o problema da elevação do nível de vida rural é demasiado complexo e moroso, senão difícil de concretização. Daí a justificação porque se torna necessário meditar-se seriamente acerca da problemática habitacional dos meios rurais, dado que este aspecto se reveste de fundamental importância na conjuntura relacionada com a reestruturação e revivificação daqueles ambientes.

Nesta ordem de ideias, tudo leva a

crer que urge elaborar-se um programa de prioridades inerentes ao progresso rural, de molde a que possam estudar-se as acções e as tarefas que, na medida do possível, consigam alojar, com relativa comodidade e salubridade e em moldes de uma melhor forma de vivência, as famílias rurais e agrícolas. Quer isto dizer que essas populações activas e cooperantes merecem, e a isso têm direito, viver uma vida mais sã e mais metódica, isenta da promiscuidade e da insalubridade, daquela, que ora suportam.

A partir de um programa desta natureza, que necessariamente deverá ser conduzido, para além do sector habitacional, à renovação das estruturas aldeãs, não resta dúvida de que, em face da sua objectividade, um tal programa requer o apoio de sólidas bases de cooperação e coordenação. Por outro lado, terá, ainda, de encarar toda a gama de aspectos que nele se encerram, como sejam os objectivos a atingir, os modos de aplicação das verbas orçamentais a investir e os processos de actuação, apesar dos demais problemas que envolvem a sua execução, quer seja realizada a curto quer a longo prazo.

Pelo exposto, pode concluir-se que tanto a essas populações, como à própria nação, não interessa delinear planos empíricos, muito provavelmente destituídos de acção económico-social de ordem prática subordinados a esse campo de acção. Importa, isso sim, promover realizações e empreendimentos concretos, eficientes e objectivos.

Em boa verdade, estamos convictos de que a tarefa que urge levar a cabo, e por agora no campo habitacional, deverá abarcar todo o território nacional metropolitano, e não somente esta ou aquela zona isolada. Uma intervenção desta natureza terá, no entanto e por razões mais do que evidentes, de abraçar outros sectores da vida rural, pelo que deverá esforçar-se em obter uma conjugação de esforços e uma coordenação prontas por parte de todos os departamentos oficiais interessados em política rural. Sem essa valiosa ajuda mútua, que deverá ser sincera, solidária e isenta de partidarismos operacionais, a política que se pretende equacionar

em favor da população rural e agrícola tornar-se-á incompleta, inconsistente e infrutífera.

Não esqueçamos, pois, que um plano de bem-estar rural constitui um dever nacional, uma vez que todo o rural para o país contribui e trabalha, tanto mais que este contingente humano envolve mais de metade da população territorial. Por isso mesmo, o problema não pode, por si só, encerrar-se no âmbito de um único organismo operacional, mas sim depender de um gabinete central, tomado não somente como órgão catalizador e canalizador das tarefas a empreender, mas também como elemento coordenador da colaboração a garantir por todos os organismos que se interessam pelo problema.

Imaginado a soma de realizações e de programas a delinear, é evidente admitir-se que muitos obstáculos, muitas dúvidas e muitos erros virão a surgir momentaneamente no que se refere à tentativa de beneficiação dos actuais alojamentos e à correcção das estruturas rurais e agrícolas. Aceite-se, assim, como inevitável a variedade e quantidade de barreiras a transpor, que naturalmente dependerão da situação e do próprio habitat das populações, tendo em conta o grau de evolução e de potencialidade de cada região a tratar.

Como aliás sabemos, cada situação a resolver em cada aglomerado populacional abarca um problema diferenciado em relação ao do aglomerado vizinho. Por outro lado, a desconfiança e o cepticismo tão naturais, mas tão prejudiciais, ao grau de receptividade do homem rural constituem factores complexos e de difícil resolução. Só o tacto dos seus orientadores e a sensatez dos seus intervenientes poderão influir na ordenação e na programação dos trabalhos a executar.

Através destas considerações, concluamos que um programa deste cariz haverá de basear-se numa obra séria e não visar uma aparatosa obra de reconstrução e de reequipamento. Daí porque a obra em si mesma deverá ser naturalmente modesta e sem espalhafato, compatível, enfim, com o habitat do homem rural. E porque para o homem se destina, ela, como ele, deverá ser simples na aparência e ambiental na essência.

Teve lugar na Estação Agrária do Porto, O I SIMPÓSIO APÍCOLA DO PORTO

A Apicultura representa no País um valor que muitos desconhecem e outros menosprezam.

Considerada distracção de reformados, que às vezes também é, olham-na como brincadeira de quem não tem mais que fazer.

A realidade é bastante diferente. Para além da colmeiazinha no quintal da casa, localizam-se por esses campos e serras, muitos milhares de colmeias que no seu incessante labor, realizam trabalho de valor económico nada de desprezar. Se soubessemos que a polinização pelos insectos, nomeadamente das abelhas, faz aumentar substancialmente, por vezes da ordem de decuplicação, as produções da maioria das culturas, com representação mais palpável nos pomares, olharemos a apicultura com outros olhos e maior respeito.

Para além deste enorme valor, dificilmente calculável, que leva em alguns países os pomicultores a arrendarem aos apicultores as suas colónias, para obterem maiores produções de fruta, pelas polinizações que aumentam, ainda as abelhas aproveitam néctares que doutra forma se perderiam, transformando-os em deliciosos méis; depois a cera e o própolis, o pólen e a geleia real que tem hoje larga e valiosa utilização.

Ora os apicultores do Norte, pelo menos os mais dinâmicos e progressivos, estão sempre desejosos de contactar para se valorizarem aumentando os seus conhecimentos.

Dai terem constituído a Associação dos Apicultores do Norte de Portugal, a qual tem à frente apicultores dedicados e dinâmicos como, entre estes, os Srs. José Galhano, Eurico Sequeira Gomes, António Santos Reis e Silas Martins Ferreira.

Esta Associação, com a colaboração técnica do Posto Central de Fomento Apícola e da Estação Agrária do Porto, tem procurado valorizar a apicultura regional e mesmo nacional, através de todos os meios ao seu alcance.

E foi assim que a sua direcção, em troca de impressões com o Director da Estação Agrária do Porto, sugeriu a realização de mais um curso de apicultura, no Porto. A ideia foi imediatamente aceite, mas pensou-se que um simpósio para apicultores já iniciados responderia melhor às exigências de momento. Imediatamente foi contactado o Posto Central de Fomento Apícola que deu o seu apoio e assim surgiu o 1.º Simpósio Apícola do Porto, organizado pela Estação Agrária do Porto, Posto Central de Fomento Apícola e pela Associação dos Apicultores do Norte de Portugal e com o patrocínio do jornal



A mesa que presidiu à Sessão de Abertura do Simpósio

«As Abelhas» de que é director e proprietário, um director da Associação, Sr. Eurico Sequeira Gomes.

A Simpósio decorreu na Biblioteca da Estação Agrária do Porto, nos dias 30 de Novembro e 2 de Dezembro, tendo sido o dia 1, domingo, dedicado a uma excursão de carácter apícola.

Iniciou-se com uma breve sessão de abertura em que usou da palavra o Presidente do Simpósio, Eng. Duílio Marques, o qual, na condição de Director da Estação Agrária do Porto, saudou os apicultores presentes, fez algumas considerações sobre o momento apícola e traçou as normas de trabalho em que o mesmo iria decorrer, indicando o Secretário Geral, Sr. Eurico Sequeira Gomes.

Falou também o Sr. José Galhano, Presidente da Associação dos Apicultores do Norte de Portugal que, com o Eng. Vasco Paixão, Director do Posto Central de Fomento Apícola, secretariou a mesa.

Nas suas considerações congratulou-se com a realização do Simpósio e incitou os apicultores a uma sempre maior colaboração e alargamento de conhecimentos.

Iniciaram-se logo a seguir as sessões de trabalho com a apresentação pelo

Eng. Vasco Correia Paixão do primeiro tema de Estudo:

Gestão ou supervisão de colmeias.

cujo esquema é o seguinte:

I — *Preocupações de ordem técnica.*

Calendário apícola
Registo de colmeias

a) Numeração das colmeias

b) Caderno do campo

c) Registo de gabinete; livro de folhas soltas ou ficheiro

d) Referenciações no apiário

II — *Preocupações de ordem administrativa*

Organização de contas da exploração
Determinação do preço de custo dos produtos

Exemplificação prática.

III — *Preocupações de ordem económica*

Necessidade das estimativas anuais da produção

Colaboração indispensável de todos os apicultores

Resposta pronta, correcta e leal dos questionários apresentados como modo de solucionar o problema.

IV — *Preocupações de ordem jurídico-social*

Ocupação de terrenos para colmeias; requisitos legais e sociais a atender conforme os casos.

Norma dum contrato de parceria.

À exposição do tema, que, como sempre, se deseja não seja lido e onde haverá

que pôr apenas as ideias mestras, sem esgotar o assunto, seguiram-se as discussões por grupos.

Estes grupos, constituídos por um máximo de 10 participantes, elegeram um presidente que ordenou e dinamizou a discussão, de modo a que todos participassem e um secretário com funções de resumir as conclusões e perguntas, a pôr depois ao apresentador do tema, no plenário que se segue às reuniões de grupo.

No plenário a discussão foi geral, tomando o secretário-geral as notas necessárias para a elaboração das conclusões a apresentar na sessão de encerramento, no último dia do Simpósio.

Ainda nesse dia foram apresentados, com os esquemas que incluímos mais dois temas:

- *Alimentação artificial das abelhas*
— por Eurico Sequeira Gomes

I — Objectivos

- A — Componentes das fórmulas usualmente empregadas
- B — Modalidade de preparação
- C — Forma e época de administração

II — O Caso do Apiário de Santana

III — Apreciação crítica do assunto em face da experiência do apresentante

- e — *Transumância* — pelo Dr. Dulcíneo Rebelo
 - 1 — Considerações iniciais
 - 2 — Definição e objectivos
 - 3 — A transumância ao longo dos tempos
 - 4 — A transumância em Portugal
 - 4.1 — Generalidades



Aspecto parcial da assistência

- 4.2 — *Florações procuradas*
- 4.3 — *Zonas de transumância*
- 4.4 — *Transumância local*
- 5 — *Exigências da transumância*
 - 5.1 — *Tipo de colmeia*
 - 5.2 — *Preparação das colmeias*
 - 5.3 — *O problema da ventilação*
 - 5.4 — *Outros cuidados*
- 6 — *Rentabilidade da transumância com conclusões e discussão geral em plenário.*

Na segunda-feira, foram apresentados os temas:

- *Montagem do colmeal* — por António Santos Reis e Silas Martins Ferreira

I — *Motivos*

II — *Planing da montagem*

- 1.º — *Estudo teórico e prático sobre apicultura*
- 2.º — *Observação da região e localização do colmeal*
- 3.º — *Tipos de colmeias*
- 4.º — *Calendário apícola*
- 5.º — *Número de colmeias a povoar*
- 6.º — *Enxames de cortiços para povoamento*

- 7.º — Material apícola
- 8.º — Comercialização dos produtos
- 9.º — Contabilização
- 10.º — Associação

e — *Pastagem das abelhas, etc.* — pela Eng. Agr. Emilia Pagani do P. F. A.

I — *Zonagem apícola do país*

Ficha questionário para a recolha dos elementos junto dos apicultores

II — *Calendário regional das florações*

Exemplificação prática do seu traçado

III — *Previsão das safras*

Fundamentação nos princípios na análise meteorológica agrícola

Riscado dum mapa que permite anotar os elementos necessários durante vários anos.

Na sessão de encerramento, realizada na 2.ª-feira, dia 2 de Dezembro, da parte da tarde, foram aprovadas as seguintes conclusões:

I TEMA — *Gestão ou supervisão de colmeias*

1 — Interpretação do calendário apícola no sentido (principal) de produção de mel, completado com as características da região e exploração, baseado no estudo feito pelo próprio apicultor.

2 — Julgada diminuta na conta de exploração do apiário a percentagem de 3 o/o (sobre o valor fundiário) para riscos de exploração; esta percentagem nunca deverá ser inferior a 7 o/o.

3 — Reconhecida a necessidade de se obterem informações sobre o quantitativo das produções em mel, e cera, para efeitos estatísticos.

4 — Sugerido que essas informações poderiam ser obtidas através do Instituto Nacional de Estatística em conjunto com o Serviço de Informação Agrícola, tal como acontece com outros produtos agrícolas.

5 — Enquanto não for possível obter estes elementos desta forma, ou cumulativamente, insiste-se na conveniência dos

produtores darem a conhecer, anual e voluntariamente essas informações, logo após a colheita e por bilhete postal, ao Posto Central de Fomento Apícola.

6 — Reconhecidas como deficientes as condições actuais de trabalho do Posto Central de Fomento Apícola, para desempenhar capazmente a sua missão. Sugere-se que, estando o País empenhado numa extensa produção pomícola, seja dada mais atenção ao Plano Apícola, dado que as abelhas não só são úteis como imprescindíveis, para efeito de polinização. Além disso, a Apicultura é uma actividade de reconhecido interesse económico, pois aproveita uma riqueza que sem a sua existência se perderá.

II TEMA — *Alimentação artificial das abelhas*

1 — São necessárias boas reservas na colmeia; o mel é, ainda, a melhor alimentação artificial. Verifica-se também que uma alimentação fornecida na Primavera provoca um estímulo eficiente na postura.

2 — Considera-se alimentação estimulante como um método de apicultura intensiva, fugindo, até, do puro amadorismo, para entrarmos numa apicultura organizada. Esta alimentação deve ser ministrada de modo a ser consumida muito lentamente, a fim de regularizar a própria postura.

3 — A pasta de açúcar preparada pelo apicultor (cândi), embora seja um alimento seco, tem as vantagens de ser consumido muito lentamente e a de ser um estimulante, com a grande qualidade da conservação e a facilidade de alimentação em apiários distantes.

4 — Ter em atenção a utilização das fórmulas de xaropes, conforme os fins a que se destinam.

5 — Reconhecida a vantagem económica da alimentação artificial desde que açúcar seja obtido a menor preço que o actual, sugere-se a conveniência da cedência aos apicultores de açúcar desnaturalado a baixo preço, para alimentação das colónias, à semelhança do que se verifica na maioria dos países estrangeiros.

III TEMA — *Transumância*

1 — Reconhecida a necessidade de se obter permissão para a colocação de colônias de abelhas nas áreas dos Perímetros Florestais de todo o País.

2 — Reconhecida, como medida de interesse económico, a permissão dos veículos transportando abelhas ou material apícola, destinado aos colmeais, ficarem isentos do raio de acção, quando acompanhados pelo apicultor devidamente documentado com a «Carta de Apicultor» (ou «Carteira de Apicultor») passada pelo Posto Central de Fomento Apícola (Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas). Os apicultores não podem ser considerados dentro do âmbito dos agricultores, cuja área de acção é reduzida; pelo contrário, os apicultores são obrigados a procurar as florações a distâncias tais que não encontram transportes economicamente utilizáveis.

3 — Sugere-se a criação da «Carteira de Apicultor» e a concessão da isenção de raio de acção para o transporte de colônias de abelhas e material de campo destinado aos colmeais.

IV TEMA — *Montagem do colmeal*

1 — Mais uma vez reconhecida a grande necessidade de dotar o Posto Central de Fomento Apícola com meios de transporte adequados.

Reconhecida ainda a utilidade dos Cursos Elementares de Apicultura organizados pelo Posto Central de Fomento Apícola e dedicação do seu Director — Eng. Vasco Correia Paixão — cujos ensinamentos e experiência pessoais muito têm contribuído para o desenvolvimento da Apicultura em Portugal. Isto, porém, não é suficiente, torna-se imprescindível que o Posto Central de Fomento Apícola esteja materialmente habilitado a organizar cursos de aperfeiçoamento técnico de apicultores e ainda de preparação de práticos apícolas.

2 — Vantagem da marcação em cartas 1/25 000 dos Serviços Cartográficos do Exército, dos colmeais existentes, as quais ficariam em poder dos Organismos Regionais da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas.

3 — Sugerimos a conveniência de serem feitos estudos de aplicação de insecticidas

com produtos de efeito repulsivo para as abelhas.

4 — Estes estudos deveriam ser extensivos a todo o País e ficou já estabelecido que o Departamento de Fitopatologia e o Laboratório de Química da Estação Agrária do Porto, em colaboração com a Associação dos Apicultores do Norte de Portugal, iniciarão ensaios na próxima Primavera, neste sentido.

5 — Sugere-se que seja utilizada a Rádio Rural e a T. V. Rural, como meios normais de aviso aos apicultores das aplicações de insecticidas em massa.

V TEMA — *Pastagem das abelhas, zona-gem apícola do País, calendário de florações e previsão das safras*

1 — É vantajoso delimitar zonas, de maior ou menor interesse melífero, não só para conhecimento geral dos apicultores, principalmente dos que praticam a transumância, como para constituírem pontos de incidência dos esforços do fomento apícola aquelas áreas de maior interesse, uma vez que nem todas valem o mesmo.

2 — É útil disporem os apicultores, as associações de apicultores e o Posto Central de Fomento Apícola, de calendários de floração das diferentes zonas apícolas do País, elaborados pela forma indicada ou por outra julgada melhor.

— É de interesse dispor de uma série de dados meteorológicos relacionados com o calendário de florações, particularmente no período de 10, 20, 30 dias, que antecedem a colheita principal de néctares, a fim de se poder vir a ajuizar da boa, mediana ou má safra do ano, de harmonia com os princípios de análise meteorológica agrícola que foram expostos.

4 — Convinha, a partir do ano que se avizinha, cada um principiar a registar, em mapas de riscado igual ao que se propôs, os elementos apontados como necessários, remetendo-os depois, ao Posto Central de Fomento Apícola, para o seu estudo e aproveitamento ulterior, em benefício de todos e de cada um em particular.

A Simpósio aprovou também a realização, no próximo ano, do 2.º Simpósio Apícola do Porto.

Divulgação científica

Piroplasmas e Piroplasmoses

Por

JOSÉ CARRILHO CHAVES

Médico Veterinário

A importação de bovinos provenientes dos Estados Unidos da América do Norte, poderá ocasionar o aparecimento de surtos de Piroplasmoses no nosso País.

Entre nós, esta zoonose é há muito conhecida por «FERRUJÃO» na região ribatejana. Esta nomenclatura popular provém do facto dos animais atingidos emitirem urina de cor ferruginosa.

As Piroplasmoses são zoonoses que atacam as espécies bovina, cabalina, arietina, caprina, felina e canina, sendo específicas para cada uma das espécies animais atingidas, o que significa por outras palavras que os parasitas que infectam os bovinos, não podem contaminar as outras espécies, e vice-versa.

Estas zoonoses chamadas genericamente — «Piroplasmoses», porque o seu agente etiológico ou causal é um «piroplasma».

Mas afinal o que é um Piroplasmose ou Piroplasma?

Trata-se dum parasita unicelular, composto por protoplasma e núcleo, um protozoário por conseguinte, individuo da

escala mais simplificada do reino animal, um ser unicelular, pertencente à classe dos «Esporozoários» por se multiplicar por «esporos». Desloca-se por «movimentos amiboides» que é uma espécie de emissão de tentáculos protoplásmicos ou «pseudopodes» ou «falsos pés», seus órgãos de locomoção e de preensão. Os parasitas em questão exibem vários formatos ou formas e a denominação de «Piroplasma», provém da palavra latina «Pirum» — pera. Outros ainda têm formas de «Cocos», de virgulas, bastonetes, etc.. Alguns encontram-se isolados no interior dos glóbulos vermelhos, outros agrupam-se aos pares, como o «Piroplasma bigeminum», outros por sua vez distribuem-se em cadeia (fila indiana).

São parasitas hematófagos, destroem os glóbulos vermelhos do sangue, cuja hemoglobina pode aparecer na urina, dando-lhe coloração ferruginosa, como se verifica na Febre do Texas, sintoma a que os ingleses chamam «Red Water», nome por que também é conhecida esta piroplasmose pelos autores britânicos. Noutras zoonoses como na Anaplasmosse,

como adiante veremos, a hemoglobina libertada pelos glóbulos vermelhos destruídos, é transformada no fígado do doente num pigmento que transmite coloração icterica às mucosas e à carne.

Os piroplasmas reproduzem-se por divisão directa e por gemulação no sangue dos animais em que vivem. As moléstias contagiosas que provocam são transmitidas de animal para animal através de picadas produzidas por formas de evolução de carraças infectadas — larvas, ninfas e carraças filhas. Como acabamos de ver, os agentes vectores ou transmissores — as carraças —, são «Metazoários», animais constituídos por mais que uma célula, ao contrário do que se verifica nos piroplasmas, que por serem constituídos apenas por uma única célula, — são os protozoários.

Prosseguindo na classificação zoológica, diremos que são metazoários articulados, do subtronco dos artrópodes, da classe dos Aracnídeos e da ordem dos Ácaros, sendo a família dos Ixodidos a responsável pela transmissão dos piroplasmas também chamados piroplasmas, como já indicamos, ou ainda «babésias», daí o nome de «Babesioses» dado a estas zoonoses.

○ que caracteriza os aracnídeos é o facto da cabeça e tórax estarem soldados, constituindo um único segmento denominado «céfalo-tórax». O abdómen das fêmeas sempre maior que o dos machos, torna-se extraordinariamente desenvolvido, quando pejado de ovos, que nunca são menos de mil por postura. Possuem dois pares de peças bucais e quatro pares de patas motoras articuladas. São parasitas hematófagos cujos órgãos bucais de picada e sucção são formados essencialmente por «antenas», semelhantes a estiletos retracteis e «palpos maxilares», em cuja base acanelada, ficam encerradas, completamente, as antenas. Na parte anterior de cada palpo maxilar divisa-se um «hipóstoma» com o qual as carraças cortam a pele das suas vítimas, e nas incisões produzidas são cravadas as respectivas antenas. Aquele órgão de incisão está munido na sua face ventral de várias filas de denticulos, o que torna quase impossível ao animal parasitado poder-se libertar dos parasitas.

As carraças põem ovos, destes nascem as larvas que se transformam em ninfas e finalmente em formas adultas — machos e fêmeas. Os ovos são postos em montículos de mil unidades ou mais, — na terra ou nas ervas. Segundo o grau de temperatura, alguns dias ou semanas depois surgem as larvas. Estas trepam para as folhas ou ervas das pastagens e esperam a passagem dos animais onde se vão alimentar. Depois de nutridos, ou ficam nos próprios hospedeiros transformando-se em ninfas, ou voltam para o solo onde igualmente se transformam em ninfas. Estas novamente se agarram às ervas e ao mato e vão parasitar outros animais. Voltam novamente para a terra, onde finalmente se transformam nas formas adultas do parasita — machos e fêmeas. Novamente se agarram às ervas e matos e esperam os seus hospedeiros para se alimentarem (só as fêmeas) e aí então serem fecundadas. Os machos pouco depois morrem. As carraças fêmeas quando estão próximo da desova despegam-se dos animais e voltam ao solo, põem os ovos e morrem e de novo começa outro ciclo evolutivo.

Depois de termos apresentado duma maneira genérica e rápida a evolução dos agentes vectores, vamos entrar propriamente na descrição sumariíssima de duas zoonoses bovinas.

A Febre do Texas, conhecida pelos alemães por «Malária der Rinder»; pelos ingleses por «Redwater»; Tick Fever; pelos italianos por «Tristezza» e pelos espanhóis por «Tristeza», é conhecida desde há muito.

Em 1893, Smith e Kilborne, descobriram na América do Norte o agente causal da enfermidade — o Piroplasma. Depois este protozoário foi isolado do sangue dos bovinos de diversos países da Europa (França, Itália, Bulgária, Grécia, Portugal, etc.).

Os sintomas que surgem após um período de incubação que oscila entre 8-18 dias, são na generalidade constituídos por febre alta (temperatura que no decurso do processo mórbido pode atingir 41°8 ou mais), emissão de urina ferruginosa (hemoglobinúrica) debilidade, anemia (mucosas esbranquiçadas) e tristeza. Surgem transtornos do terço posterior. A anemia e

o esgotamento aumentam. O doente está prostrado. A urina torna-se clara quando se aproxima a morte.

O agente etiológico da Febre do Texas dos bovinos é a «*Babesia bigemina*» também conhecida por «*Pirosoma bigeminum*» ou «*Piroplasma bigeminum*». Os vectores ou transmissores são: a carraça «*Margaropus* ou «*Boophilus annulatus*», a «*Ixodes ricinus*», na América do Norte. A «*Boophilus australis*» na Austrália, América do Sul, Cuba, Porto-Rico e Filipinas.

Os animais que sobrevivem, adquirem uma imunidade bastante duradoura.

Anaplasmosose

Quando do estudo da Febre do Texas pelos autores já citados, estes verificaram nos glóbulos vermelhos dos bovinos atingidos, a existência de pequenos corpúsculos semelhantes a «Cocos» (em forma de esfera), isolados ou dispostos aos pares a que deram a denominação de «Pontos Periféricos» ou «Pontos Marginais», dispostos na orla das hematias.

Theiler que já os havia encontrado, classificou-os não como «Corpúsculos Marginais», mas sim como um piroplasma, o «*Anaplana marginal*» (1910), o agente etiológico duma outra entidade nosológica, a «Anaplasmosose» denominada pelos holandeses por «Gallziekte» que significa «Enfermidade Biliosa» pela coloração ictérica das mucosas como adiante veremos, ao apresentarmos a sintomatologia.

A anaplasmosose é transmitida pelas seguintes carraças ou carrapatas: «*Boophilus decoloratus*» «*Rhipicephalus simus*» «*Hyalomma lusitanicum*» «*Ixodes ricinus*» e ainda aracnídeos do género *Dermacentor*.

Os sintomas aparecem após um período de incubação de 16-32 dias, segundo alguns autores, e de 60 a 100 dias, segundo outros, constituídos por febre elevada, respiração dispneica, mucosas ictéricas. A morte surge entre os 8 e os 12 dias de evolução da zoonose.

Profilaxia geral das Piroplasmoses

É absolutamente necessário proceder à destruição sistemática e periódica das carraças, ovos, formas de evolução exis-

tentes nas ervas, matos, currais, pátios, etc.. Desparasitação dos bovinos por intermédio de banhos ou pulverizações, igualmente praticadas sistemática e periodicamente. Existem no mercado vários parasiticidas destinados a atingir esse desiderato.

As piroplasmoses têm tratamento curativo, pelo que aconselhamos os senhores lavradores a contactarem com os Técnicos Veterinários, logo que se lhes depare no vosso gado bovino, sintomatologia semelhante à descrita neste pequeno trabalho de divulgação cuja finalidade se destina a alertar a Lavoura na prevenção duma zoonose bovina, que poderá ecluir no nosso País, se não houver os devidos cuidados.

A Bela Arte dos Jardins

(Conclusão da pág. n.º 18)

começo raras, passaram a ter largo emprego na decoração dos jardins, especialmente utilizadas como elemento central de realce. Em alguns casos, esse elemento era abrigado sob um pavilhão, cuja arquitectura se foi tornando, com o tempo, cada vez mais complexa.

O pavilhão localizava-se, de preferência, ao centro do cruzamento de dois caminhos perpendiculares. Mas, nos claustros dos conventos dos monges cistercienses, adossava-se a uma das faces das arcarias, para maior proximidade do refeitório.

As fontes assim abrigadas, não deixaram de acompanhar a evolução da arquitectura; enquanto as restantes, bem mais numerosas, acentuavam os seus progressos artísticos, nas duas seguintes modalidades principais: as adossadas a uma parede; e as livres, ou independentes.

Quanto às primeiras, era frequente que a bica, ou as bicas, saíssem duma caranca, muitas vezes figurando a cabeça dum leão.

Quanto às segundas, as mais apreciadas e características foram aquelas em que as bicas jorravam dum globo, sustentado por uma coluna.

Trabalhos em Janeiro

Nos campos

Se o tempo o permitir, alqueiva-se o mais fundo possível, recorrendo-se a sub-soladores, se for necessário.

Semeia-se ainda azêvem verdeal e erva molar, sós ou misturados, sobretudo no Centro e Sul; cereais de pragana, como *aveia* e *trigo*, especialmente das variedades precoces e os tremeses nos barros de Beja e ainda centeio. Deixam-se as terras *assucadas* ou *atrolhadas*, desde que não se encontrem suficientemente enxutas.

Semeiam-se também, ainda, *favas* e *ervilhas*, mas de variedades de rápido desenvolvimento, para consumo em época mais tardia.

Planta-se *batata* temporã no Algarve, Alentejo, Douro, Trás-os-Montes, etc.. Usam-se as variedades de mais rápido desenvolvimento. Desnecessário é lembrar que se deve prestar particular atenção à fertilização do terreno, utilizando criteriosamente os adubos.

Vigiam-se as sementeiras de cereais de pragana de modo a evitar a tempo, cuidadosamente, o estagnamento das águas, o encharcamento, que atrasa o crescimento, prejudica as plantas e faz perder nitratos.

Mondam-se os trigos mais adiantados, que já estejam ameaçados de invasão das ervas daninhas, à mão ou recorrendo à monda química e *rastrilham-se* ou *gradam-se* com grades apropriadas.

Pela primeira vez, *cobrem-se* com nitrato ou outros adubos azotados de rápida assimilação, os cereais praganosos, para

estimular o afilhamento, escolhendo de preferência o tempo enevoado ou de chuvisco e não o geadeiro.

Rolam-se ou *calcam-se* nas terras lisas ou à rasa os cereais ainda não encanados, no começo do afilhamento ou engarrafamento, para que as raízes fiquem mais bem protegidas contra os frios, as geadas, e especialmente o *codo* ou *códão*, que as pode descalçar e matar. Deste calçamento pode resultar o êxito da seara. Em terrenos regulares ou bons pode valer tanto como a *cobertura*.

Continua-se a *lima* dos prados temporários de azêvem ou dos lameiros permanentes, sobretudo nos períodos de geadas.

Onde seja possível recorre-se à água-choca, chorume, sugo ou cevadoiro, que tem elevado poder fertilizante. Incorpora-se na água de lima, mas também se pode distribuir, vantajosamente, com máquinas ou aparelhos destinados a tal fim.

Sacham-se favas e ervilhas por tempo enxuto, aproveitando a ocasião para aplicar-lhes gesso ou cal em pó, cinzas ou borralho, e ainda superfosfatos se os não tiverem recebido à sementeira.

Mantêm-se *enxutas*, onde seja possível, as terras do arroz, a não ser que seja conveniente colmatá-las; *alqueivam-se* as que estejam em condições e havendo tracção disponível; e procede-se às *correções* apropriadas ou com gesso ou com cal ou outro produto apropriado a tal fim.

A cal, nos terrenos fortes, barrentos, pode empregar-se em dose elevada, tanto mais que as terras de arroz tendem para a acidificação: nuns casos não se irá além de 300 grs por metro quadrado, mas noutros convém ir até aos 500 grs.

Nas hortas

Proceder à preparação de *terriços* aproveitando as verduras e detritos vegetais. Estrumar, e cavar, os talhões ou leiras para futuras plantações ou sementeiras; fazer *calagens* nos terrenos pobres de cal, até dois e três quilos por metro quadrado; ou aplicar cinzas ou calça.

Nas vinhas

Escava-se ou descava-se onde ainda não foi possível proceder a este amanho excepto as baceladas e as enxertias nas zonas frias, porque a baixa temperatura, ou a geada, poderiam comprometê-las.

Poda-se, excepto nos dias de frio intenso, nas zonas do norte do País; e *limpam-se* as cepas, descascando-as, à mão ou com raspadores apropriados. Desinfectam-se com produtos apropriados as videiras que tenham sido atacadas pela fumagina ou pelo algodão.

Chaquiçam-se e preparam-se novos tutores onde são de uso, mergulhando-lhes, a seguir, a ponta aguçada numa calda forte de sulfato de cobre, para aumentar-lhes a resistência, ou de preferência tratados em auto-clave o que lhe aumenta imenso a duração e traz vantajosa economia.

Começa-se a *empa* ou *erguida*, se o terreno estiver em boas condições e o tempo correr macio.

Aduba-se com os adubos menos solúveis (fosfatados e potássicos), com os orgânicos e químico-orgânicos; e *corrige-se* o terreno se for necessário, com cal ou gesso ou quaisquer produtos adequados.

Retancha-se, reforma-se ou renova-se, empregando de preferência barbados enxertados e adubando as covas ou valas; e, nalguns sítios, especialmente nas vinhas alinhadas e velhas, procede-se à mergulhia quando haja varas próximas suficientemente compridas.

Planta-se vinha não deixando de beneficiar o terreno com fortes adubações orgânicas, constituídas por matos, e completadas pelos correctivos apropriados (como sejam fosfatos, cal e gesso).

Nos olivais

Continua-se ainda em algumas regiões a *apanha* ou *colheita* da azeitona com o cuidado indispensável para não prejudicar as oliveiras.

Nas zonas menos frias plantam-se mudas, estacas ou barbados, estrumando as covas sendo possível, ou aplicando-lhes mato polvilhado de gesso, de cal, ou ainda de superfosfato.

Lavra-se, terminada a colheita, bastante fundo, para que as águas penetrem mais facilmente e as pastadeiras desapareçam; mas *suspende-se* por tempo geoso, que danificaria as raízes.

Incorporam-se ao mesmo tempo os fertilizantes orgânicos, incluindo o mato miúdo, de fetos, que serão polvilhados de gesso, de cal ou de superfosfato; e *encaldeira-se* cada pé para a recolha das águas das chuvas.

Nos terrenos em declive fazem-se os trabalhos necessários para reduzir o efeito da erosão ou o arrastamento pelas águas da parte mais fina das terras.

Aduba-se com adubos químicos nas zonas quentes, se não houver fertilizantes orgânicos ou químicos-orgânicos; ou *aplica-se cal* ou *gesso*, *cinzas* ou *borralho*, conforme os casos e as possibilidades, tendo em conta que estes materiais podem beneficiar muito as oliveiras, não somente na sanidade mas também na produção e na funda do azeite.

Poda-se ou *limpa-se* já, nos sítios mais quentes estando o tempo macio, aproveitando para estacas os ramosãos com a grossura necessária. Haverá o cuidado de manter, tanto quanto possível a forma natural, corrigindo apenas os excessos de vegetação. Nas zonas quentes e iluminadas é grave erro a abertura da copa em vaso, a qual se traduz em produção mais irregular e mais baixa. Erro é também, a bem dizer generalizado, o deixar grande quantidade de ramos secundários, porque impedem a formação dos ramos de fruto.

Preparam-se as estacas destinadas a ser metidas em viveiro posteriormente. Do mesmo modo se procede com os caroços de azeitona ou de zambujo para a sementeira na Primavera.

Marcam-se as oliveiras que precisem

de tratamento para lhes ser aplicado oportunamente.

No aviário

A postura começa ou aumenta, tanto das galinhas como das peruas e patas.

A alimentação, a higiene e o resguardo, merecem cuidados especiais: umas e outro tanto contribuem para atrasar como para apressar a postura.

A alimentação tem de ser abundante, equilibrada e com as necessárias vitaminas; os cuidados higiênicos visarão especialmente evitar a humidade e conservar o alojamento, durante a noite, confortável e quente.

GALINHAS—Na *alimentação* participarão a aveia germinada, onde exista, os farelos ou sêneas, alguma farinha de peixe e couves migadas. Duas ou três vezes por semana, como preventivo, pode usar-se, na bebida, 8 gramas de sulfato de ferro por litro.

Nos aviários industriais a composição das rações é, possivelmente, o problema mais importante e a sua resolução mais conveniente é a aquisição de rações preparadas por fabricante de confiança.

Inicia-se a *incubação*, quer com as aves chocas que aparecerem, quer com as chocadeiras, de uso simples e muito práticas desde que sejam bem construídas.

PERUS—Com o Natal e o Ano-Novo reduz-se ao essencial o número de reprodutores, com a reserva dos melhores. Os machos reformam-se depois de atingirem 3 anos de idade.

As papas usam-se muito, preparadas com os materiais disponíveis—farelos (500 grs) e couves migadas ou urtigas onde aparecerem (500 grs);—farelos (400 grs), couves (300 grs) e batatas miúdas cozidas (300 grs);—farelos (600 grs), farinha de milho (200 grs), beterrabas cozidas (200 grs);—farelos (500 grs), farinha de cevada (300 grs) e verduras picadas (200 grs).

A liberdade é proveitosa para complemento da alimentação e necessário movimento.

GANSOS—Completa-se a alimentação natural com grãos de aveia e com papas

de farelo, batatas de preferência desfeitas. Os machos reprodutores são reformados todos os 3 anos, escolhendo-se novos, de preferência provenientes doutros bandos. As fêmeas são escolhidas de entre as mais perfeitas nos bandos próprios.

PATOS—Abrigam-se bem para os preservar do frio durante a noite.

A alimentação de papas está aconselhada.

POMBOS—A *muda*, por vezes, termina em Janeiro. Reduz-se, então, nas rações, os grãos, como o milho, que fazem engordar.

Enquanto não terminar a muda, mantém-se uma alimentação consistente e rica, em que pode participar o milho e a soja.

À aproximação da postura, limpam-se cuidadosamente os pombais e as casotas de cada par e refazem-se os ninhos, onde seja necessário.

Na coelheira

Se o tempo arrefecer muito, protegem-se as casotas com palhas, matos, esteiras, etc., e os ninhos guarnecem-se de cama espessa. Evitam-se por todas as formas as humidades, que são muito prejudiciais.

Acasalamento

Estando o tempo macio, podem iniciar-se os primeiros acasalamentos.

Alimentação

A alimentação seca, de palhas, ou fenos, matos, farelos, aveia, etc., é dominante. Duas vezes por semana fornece-se uma papa, que pode ser formada por farinhas de alimpas, (35 o/o), centeio, (35 o/o), amendoim, (3 o/o) e bagaço de copra, (27 o/o). O bagaço de copra ou coconote mistura-se com água a ferver e juntam-se-lhe depois as outras farinhas de modo a que a papa fique solta, não ligada.

Nas matas

Continua a plantação e sementeira de árvores florestais.

Autuam-se os pinheiros para resina-

EXPOSIÇÕES DE FLORICULTURA

Tem o Porto e a sua região uma honrosa tradição de floricultura, que felizmente não desapareceu ainda, minuída embora pela lamentável extinção das suas

extinta pois que se mantém ainda firme na actividade de algumas casas que polarizaram essa indústria e que não deixam de marcar presença em muitos e variados certames realizados no estrangeiro.



Está nesse caso a conhecida firma Alfredo Moreira da Silva & Filhos L.da que, como fecho do ano, acaba de ser distinguida com uma medalha de ouro — «pela preciosa colaboração à Feira Internacional das Flores, em Trieste, de 25 de Abril a 4 de Novembro de 1968 — justo prémio dessas florálias.

brilhantes exposições, de que muitos lembrarão as de rosas do velho Palácio de Cristal. Dizia-se que a tradição não estava

E' mais um galardão, a juntar a tantos outros e que, de certo modo, mantém o alto destaque da floricultura portuense em que os Moreira da Silva tanto se distinguiram no passado, se afirmam no presente e fazemos votos continuem no futuro.

gem, tendo em atenção as normas legais. Continua o corte de madeiras. E' este um dos meses mais indicados para tal prática.

Conclui-se o combate à Procecionária, especialmente onde a constituição dos ninhos esteja mais atrasada.

Inicia-se a colheita das sementes de pinheiros sylvestris.

No apiário

Continua o regime de repouso nos apiários, que devem ser, no entanto, discretamente visitados para se alimentarem artificialmente as colónias fracas e se impedirem as infiltrações de águas nas caixas.

Aproveita-se esta época de maior tranquilidade das abelhas para se prepararem os assentos de novos apiários e para se

transportarem as colmeias de lugares pouco favoráveis para outros que se apresentem com melhores condições.

Activa-se a preparação dos quadros dos ninhos e das alças, que hão-de servir na próxima época apícola, colocando-se-lhes o arame e as lâminas de cera moldada indispensáveis, para que, ao chegar o momento oportuno da sua aplicação e quando há sempre outros afazeres, não seja necessário perder-se tempo com este serviço.

Procede-se à plantação das árvores e arbustos de interesse apícola, que tenham sido escolhidos de acordo com as maiores necessidades da região, nas covas que foram abertas nos meses anteriores, efectuando-se igualmente a sementeira das plantas melíferas anuais ou bi-anuais, escolhidas com igual critério, nos talhões que lhes estejam reservados.

USE OS PESTICIDAS COM CUIDADO

11 — Relembremos os cuidados a ter com os pesticidas

Durante 10 dias falamos-lhe sobre pesticidas utilizados na agricultura e descrevemos, em pormenor, todos os deveres que tem a cumprir quando compra uma embalagem destes produtos.

Hoje desejamos terminar a nossa conversa lembrando-lhe, todos esses cuidados.

Logo que tenha comprado um pesticida olhe o rótulo da embalagem e procure o simbolo toxicológico que está nele inscrito. Ficarà assim a saber o poder venenoso do produto que tem nas mãos.

Leia seguidamente todo o rótulo com atenção. Nele estão as indicações que necessita saber. Sempre que tiver dúvidas volte a ler o rótulo e siga à risca o que diz. O rótulo é sempre mais importante que o folheto.

Guarde os pesticidas num local reservado só para esses produtos, longe de alimentos e bebidas, e longe de rações de animais. Não permita a entrada nesse local às crianças, pessoas estranhas, ou animais. Feche-os à chave e traga a chave consigo.

Use vestuário protector para preparar e aplicar as caldas se o rótulo o indicar. Não coma, nem beba, nem fume durante o trabalho. Não trate as culturas contra o vento e evite as horas de maior calor, lave-se bem após os tratamentos.

Deite em lugar próprio o resto das caldas e lave os aparelhos e utensilios longe de rios, poços e fontes. Evite os tratamentos na época da floração e, se o fizer, avise os apicultores da região para que tomem as devidas providências. Afaste os animais das zonas tratadas durante alguns dias.

Respeite rigorosamente o intervalo de tempo que deve esperar entre a aplicação dos pesticidas e a colheita dos frutos e das hortaliças, de modo a que nessa altura já não existam quantidades de pesticidas perigosos para a saúde. Tenha cuidado com as culturas intercalares.

Não utilize embalagens vazias de pesticidas para outros fins. Parta, fure, queime e enterre essas embalagens. Não queime as embalagens de herbicidas e de alguns outros pesticidas. Leia no rótulo se deve ou não queimá-los.

Conheça os primeiros socorros a prestar a um envenenado. Com a sua ajuda e enquanto o médico não chega, poderá contribuir para salvar vidas humanas.

Os pesticidas são essenciais. Use-os sempre que necessitar para ter boas colheitas. Mas tenha cuidado! Leia sempre o rótulo com atenção e siga à risca as suas indicações. Se assim fizer evitará acidentes que poderão custar vidas.

CAÇA E PESCA

DO MAL... E DO BEM

Por ALMEIDA COQUET

UM bom amigo e colega nas andanças da pesca e da caça, teve a maravilhosa ideia de me ceder alguns livros para leitura durante as minhas últimas férias. E entre eles, um prendeu mais fortemente a minha atenção: LES ANIMAUX SAUVAGES D'EUROPE, de Serge Bertino, numa deliciosa edição ilustrada da Hachette.

Bem sei que nem todas as pessoas têm inclinação para estas maravilhas da Natureza que o autor nos apresenta por forma tão simples, tão clara, descobrindo os dramas mais terríveis que se pode imaginar, em que a lei do mais forte impera. Aves, mamíferos, insectos, répteis, peixes, de tudo o autor nos conta — e mostra, através de esplêndidas fotografias — da luta pela vida, nessa «*food chain*» (cadeia de alimentação) estabelecida pela Natureza, com regras de equilíbrio por compensação natural. Mas veio o Homem...

Os 3 estudiosos Como ponto de partida, no seu livro, o autor cita em três épocas bem diferentes, três estudiosos: PLINIO-O-VELHO, na Anti-

guidade; BRUNET-LATIN, na Idade Média e LEONARDO DA VINCI, na Renascença.

Três estudiosos, três observadores atentos, três defensores da Natureza. Mas é justamente o terceiro que nos seus escritos, referindo-se aos Homens, avalia-os sob um critério desfavorável e diz:

«Ils nauront point de limite dans la méchanceté... (1)»

A muitos parecerá um exagero, mas a verdade é que aquela afirmação e outras de DA VINCI nas suas «Profecias», infelizmente em muito estão cumpridas e os esforços até hoje desenvolvidos para a «conservação da Natureza», apenas atenuam o mal já feito ou o que ainda virá. Necessidades, egoísmo e ignorância, tudo isso contribuiu e contribui para a destruição de muita coisa que a Natureza tão generosamente deu ao Homem.

Não tenho autoridade científica para apreciar e debater as razões de tanto mal causado, nem aqui nestas colunas deverei

(1) Tradução de René Novella para o livro de Serge Bertino.

sair fora dos temas que esta secção de «Caça e Pesca» pode admitir.

No entanto, a defesa que urge cada vez mais praticar da fauna que destruimos, essa está sem dúvida no âmbito da prática dos dois desportos irmãos que praticamos: a Caça e a Pesca.

E porque muita coisa se confunde e baralha em tal assunto, julgo ser urgente a revisão de critérios adoptados e regulados pelo diploma actualmente em vigor.

Amadorismo e profissionalismo Se admitimos sem discussão que a caça e a pesca, praticados como desporto, são necessários ao trabalhador—por esforço físico ou mental—como compensação do desgaste sofrido com o seu trabalho, resta—definida e regulamentada a prática da caça desportiva—encarar o aspecto pelo lado profissional.

Sem entrar em discussão quanto aos dois sistemas em vigor: a)—*terrenos de caça livre*; b)—*propriedades coutadas*, parece claro que os utentes das terras do segundo caso podem vender—e julgo que muitos vendem—a caça abatida desportivamente nas mesmas. Isso, aliás, parece estar de acordo com ideias defendidas em projectos da lei da caça que se pretendia publicar, em que se falou em procurar obter maior rentabilidade para a terra incapaz de produção agrícola a não ser em moldes anti-económicos.

Se assim é, virá daí uma parte do fornecimento de caça aos mercados. Mas isso bastará? Julgo que não, e é justamente aqui neste ponto, que o diploma em vigor veio sancionar uma prática má: a colheita de perdizes—principalmente estas—em terrenos livres, **por profissionais**, que se dedicam ao fornecimento dos mercados.

Nas apreciações que em tempo publiquei nestas colunas, sempre duvidei da solução que se pretendeu dar ao caso dos profissionais. Parece-me verificada a razão da minha dúvida.

A densidade actual de povoamentos em caça nos terrenos livres é fraquíssima. E mesmo na melhor das hipóteses não será possível aumentá-la nos tempos mais próximos. Porque consentir, portanto, a continuação do desbaste para fornecimento dos mercados? É justo que seja

esse o fim dos esforços que os Serviços Florestais vão desenvolver com o estabelecimento de parques de criação?

Custa-me acreditar que se permita uma tal barbaridade.

Os profissionais, com a sua licença de caça legalizada para tal fim, não têm outra missão que não seja **procurar abater o maior número de cabeças possível** para poderem auferir maior receita. E até talvez por qualquer processo, porque depois da caça morta, é toda igual...

Lembra-me o que se passava na região do Douro quando saiu uma determinação de que os chefes das estações do C. F. não deviam consentir despachos de perdizes que não mostrassem sinais de ferimentos com chumbo de caça. Como uma grande quantidade de perdizes era apanhada em laços ou outras armadilhas, depois de lhes torcerem o pescoço, estendiam-nas no chão e davam-lhes um tiro de forma a que todas mostrassem uns tantos furos...

O art. 171.º Na actual lei da caça, este artigo reza o seguinte: «*Poderão ser instalados postos de criação artificial de caça destinados à criação de espécies cinegéticas para fomento ou exploração industrial*».

Quer dizer, é a própria lei que abre a porta à possibilidade de fornecer mercados, indústria, etc..

Porque admitir então a possibilidade de destruição da caça nos terrenos livres para fins de comércio? Proteger os profissionais? Ora, ora... E que fazem esses profissionais durante o defeso? Não trabalham noutro mister? Ainda para mais em épocas de falta de mão-de-obra?

Coragem e só coragem É o que é preciso para se cortar na lei em vigor a alínea d): *Licença de caça com fim lucrativo*.

Os desportistas que jogam futebol, têm os seus campos de jogos; os tenistas, os seus «courts» de ténis; os nadadores, as suas piscinas, etc., etc..

Porque não hão-de os caçadores desportivos que não podem ter coutadas—ou preferem calcorriar montes e vales—ter a liberdade de caçar sem a concorrência dos profissionais?

Os passarinhos Até aqui falei de caça. Dentro do que está há muito estabelecido, legalizado, regulamentado, a caça é permitida e, sem dúvida, é uma destruição de fauna. Temos no entanto que aceitar a sua prática, mesmo sob o julgamento severo, mas justo, de Da Vinci.

Mas o que não podemos aceitar é a hecatombe dos passarinhos por centenas e centenas de jovens—alguns até já granjolas—munidos de armas de pressão de ar, a fuzilar pardais, lavandiscas, felozes, carriças, etc., etc., por vezes até em jardins públicos, árvores de arruamentos, ou em qualquer lugar.

Muitas dessas avezinhas, protegidas até pela legislação vigente como úteis—e que úteis elas são!—a todos nós, à agricultura e a tanta coisa mais ignorada!

As escolas Fala-se em protecção à Natureza, às plantas, às árvores, aos animais. Quando é que na escola se trata deste assunto? E se se trata, quantas horas no ano se gastou na exposição, no esclarecimento, na persuasão, de modo a incutir na criança ou no jovem a ideia de que é grave, muito grave, destruir animais úteis?

E não é pelo terror, por ameaças, por castigos, que se consegue o resultado em vista. É pela demonstração cuidadosa e clara do professor, de modo a que o aluno compreenda a verdade. Porque se não for assim, sai tudo mentira...

As Reservas Ainda o livro de Serge Bertino. Termina a obra por uma relação das principais «Reservas» de todos os países da Europa. São

(Conclui na pág. n.º 38)



Provincia do Minho: matas de pinheiros cortadas por um rio. Perdizes? Galinholas? algumas se encontram, embora em escasso número. No rio, outrora tão basto em trutas, uma ou outra se vê ainda. Eis o resultado do crescer das gentes e dos lugares, caçando e pescando pelos antigos moldes, sem nunca se pensar no dia de amanhã. Com novas regras, oxalá seja possível recuperar ainda algo do que se perdeu

Serviço de

CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo — *Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo; J. Pinto Machado — *Arquitecto*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo — *Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Nuncio Bravo, Eng. Agrónomo — *Director da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo — *Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

I — AGRICULTURA

N.º 1 — Assinante n.º 40 892 — *Ílhavo*.

ADUBAÇÃO DO FEIJÃO

PERGUNTA — 1.ª — Qual o adubo químico mais indicado para a cultura do feijão?

2.ª — É aconselhável o adubo orgânico na cultura do feijão?

3.ª — Há vantagem ou desvantagem do feijão associado ao milho, quando semeado?

4.ª — Conhecem algum ponto do País onde se dediquem mais à cultura do feijão?

RESPOSTA — Em relação a fertilizantes, é tradicional o afirmar-se que o feijão não simpatiza com estrumagens aplicadas directamente na sua cultura. Deve-se reparar que, como leguminosa, abastece-se amplamente, por si própria, de azote, e que as suas raízes em contacto com estrume fresco, mostram uma tendência grande para serem invadidas por fungos. Se, pelas suas características fisiológicas,

a planta dispensa, em grande parte, o azote ministrado artificialmente, não quere dizer que o adubo orgânico, fornecido como estrume muito bem curtido, ou como adubo nas convenientes condições, lhe seja prejudicial. Muito logicamente, debaixo do ponto de vista económico, é que pode não ser aconselhável. Os adubos minerais têm uma influência preponderante no seu desenvolvimento, considerando-se que exige uma adubação em que o fósforo e o potássio sejam preponderantes. O cálcio, é-lhe também indispensável. O azote, de rápida assimilação, é também aconselhável para um desenvolvimento vegetativo inicial acelerado. Não se fornecem nenhuma indicação relativamente ao terreno a semear sob o aspecto fertilidade — análise química, cultura anterior, etc.. A titulo genérico, é aconselhável a seguinte adubação, por 1000 m q:

Fosfato Tomás.	70 kg
Sulfato ou cloreto de potássio.	25 kg
Nitrato de cálcio.	5 kg

Se o terreno for pobre em cal, necessitaria duma calagem prévia, à volta de 200 kg de carbonato de cal (por 1000 m q). A cultura do feijão acompanha a cultura do milho em quase todo o país. Há manchas estremes no Minho, Beiras, Vales do Tejo e Sado e Algarve. — *M. Ramos.*

II — FRUTICULTURA

N.º 2 — Assinante n.º 45705 — Freixo de Espada à Cinta.

LARANJAS QUE RACHAM. ADUBAÇÕES DO POMAR

PERGUNTA — Em resposta à minha carta de 14-3-968, recebi a informação sobre o caso de um laranjal com excesso de azoto.

Nessa informação, o sr. eng. Madeira Lobo, por causa da casca grossa do fruto, dava-me o conselho de aplicar adubações foliares de superfosfato a 42 o/o e sulfato de potássio.

Quando recebi a resposta, o laranjal já estava quase a florir, motivo este por que não me foi possível fazer a primeira adubação foliar. Fiz depois duas adubações e pedia a fineza de me esclarecer se devo fazer mais alguma adubação foliar, agora que os frutos já estão grandes, embora verdes.

Nesta zona adiantam muito os frutos, isto é, a rebentação é mais temporã que em qualquer outra zona.

Agradecia também que fizesse o favor de me indicar como hei-de evitar que os frutos rachem. Dizem ai os analfabetos que é da terra ser apertada, porém, eu não creio nisso. Nesta época é muito frequente avistar-se algum fruto rachado. Desejava também saber qual a melhor calda e qual a melhor época para combater a cochonilha, isto para ataque preventivo, pois felizmente ainda não apareceu por aqui essa praga. Em Junho, eu aplico caldas para afugentar a formiga. Quando e como fazer a adubação do laranjal e do olival. Habitualmente adubo o laranjal em Março e o olival em Janeiro. Estou praticando bem? Peço desculpa pois já aqui tenho a resposta para o laranjal; este ano, isto é, em 1969, já adubo as laranjeiras em Janeiro. A minha dúvida subsiste ainda no olival, mas creio que estou bem encaminhada.

RESPOSTA — Nesta altura do ano já não adianta fazer mais adubações foliares tendo em atenção a frutificação deste ano.

Convém iniciar essa fertilização para o próximo ano, tendo em vista a próxima e colheitas seguintes.

O acidente dos frutos racharem deve-se ao facto de durante o Verão, terem

tido falta de água o que impediu que os tecidos tivessem o devido desenvolvimento.

Vieram as primeiras águas, e este ano foram copiosas, os tecidos interiores mais elásticos incharam e a casca, mais dura não pôde acompanhar essa dilatação e rachou.

Para evitar este acidente convém regar durante o Verão por forma a que as laranjeiras nunca tenham falta de água.

Se não tem cochonilhas não interessa fazer tratamentos preventivos, mas apenas curativos, se estes se justificarem, isto é ser verificar um ataque destes insectos.

Deverá continuar a fazer o tratamento contra as formigas e, se estes tratamentos forem feitos com todo o cuidado, é possível que evite o ter que fazer tratamentos contra as cochonilhas, podendo o tratamento contra as formigas ser considerado, com todo o rigor, um tratamento de prevenção contra as cochonilhas.

Quanto à adubação do seu pomar deverá fazer em fins de Janeiro uma adubação fosfato-potássica e distribuir a adubação azotada por três aplicações: juntamente com os outros adubos, em fins de Janeiro, antes da floração e em Junho, por forma a acompanhar o ciclo vegetativo da árvore. — *Madeira Lobo.*

VII — PATOLOGIA VEGETAL E ENTOMOLOGIA

N.º 3 — Assinante n.º 13267 — Valença do Douro.

MÁ LOCALIZAÇÃO DE LIMOEIRO?

PERGUNTA — Envio como amostra um raminho de limoeiro. Na rebentação a rama tem bom aspecto, de cor verde, e, passado pouco tempo, as folhas começam a enrolar-se, amarelecendo bastante.

A que será devido tal anomalia?

RESPOSTA — Quer na primeira amostra que anteriormente nos remeteu, quer na segunda recentemente recebida, os elementos de diagnóstico fitossanitário capazes de nos orientarem no sentido dum esclarecimento válido para o senhor consulente, são absolutamente nulos.

Os **MOINHOS DE MARTELOS APOLO** — próprios para forragens, são indispensáveis na criação do gado. Satisfazem todas as condições. Podem ser vistos na R. Justino Teixeira, 464-Porto

Nesta conformidade, é óbvio que seja muito pouco e de pouco valor o que lhe podemos esclarecer. Apenas algumas hipóteses, possivelmente falíveis, poderão ser seguidamente formuladas. Assim, é de pensar que a localização dos limoeiros plantados junto à casa, possivelmente vegetando subterraneamente nas fundações deste edifício, estejam em condições diferentes dos citrinos vegetando afastados da construção referida.

— Não haverá casualmente em demasia, infiltrações de águas provenientes de beirais ou caleiras que afectem um normal desenvolvimento vegetativo?

— Casos de correntes de ar especialmente nos períodos frios da época de Inverno não poderão estar a afectar desfavoravelmente a planta citada? — *Benedictes de Melo.*

XVI — AVICULTURA

N.º 4 — Assinante n.º 42 551 — Marco de Canavezes.

PERTURBAÇÕES LOCOMOTORAS DOS PATOS

PERGUNTA — Desejava saber se o reumatismo ataca os patos grandes, pois tenho tido vários; alguns melhoraram, mas tenho um que não se levanta e cada vez está pior.

Haverá algum remédio?

Eu não sei se será reumatismo; ele come mas quase não anda.

RESPOSTA — As perturbações locomotoras das aves podem ter diversas causas, quer de natureza infecciosa quer nutricional, sendo praticamente impossível fazer um diagnóstico seguro sem o recurso laboratorial, sobretudo quando afectem poucas aves.

Podem, efectivamente, ser sintomas de reumatismo ou de gota, mas também po-

dem ser resultantes de avitaminoses, de micoses ou de qualquer outro processo mórbido.

Todavia, experimente a administração de meio comprimido de aspirina três vezes por dia e um comprimido diário de Complexo B, mantendo as aves em local agasalhado e pouco húmido.

Convirá ler a resposta à consulta n.º 61 publicada na *Gazeta* de 1 de Setembro p. p.. — *Sérgio Pessoa.*

XXIII — DIREITO RURAL

N.º 5 — Assinante n.º 42 551 — Marco de Canavezes.

ARRENDAMENTO RURAL

PERGUNTA — Muito agradecia o favor de me informar se não se pode despedir um caseiro (rendeiro, renda e parceria rural) só depois de ele estar 3 anos, faça o que ele quiser?

Por exemplo: marco o dia da vindima e ele quer fazê-la mais cedo, o que prejudica o vinho. Eu, como tenho mustimetro, aviso-o, pois o vinho às vezes chega depressa a estar pronto a ser ensilhado, outras vezes demora; e ele porque não lhe apetece, ou porque é destes que não perde uma feira, não vem medi-lo e fica para o dia seguinte, o que pode prejudicar.

Não tira os ladrões do enxerto quando planta vides, sou eu, e às vezes nem sequer as estacas, quando sou eu que abro as rotas e as planto.

Seca o milho, vende dois carros e nada me dá; só mais tarde, depois de muitos protestos, vem um carro. Numa terra que dá mais de 14 carros, paga 2 e meio.

Tem o gado, não dele, mas de um pagador, e às vezes tem imenso gado e portanto nada mais lhe interessa.

Não tem contrato porque aqui ninguém tem; tinha um de arrendamento com ele, e agora tive de me sujeitar ao que veio e deixá-lo sem o fazer porque cá ninguém o tinha e ele não quis.

Não seca o milho, pois a mulher não tem ca-beça e em dias de sol tem o beiral fechado.

E eu tenho de os ter porque a lei não mos deixa despedir? Não lhe posso aumentar a renda do milho, que é tão barata?

Deixam-me perder a azeitona, etc., etc.

O que poderei fazer, para me ver livre deste caseiro?

RESPOSTA — 1. — Antes de mais quero referir que a falta de contrato escrito não impede que exista um con-

trato verbal. A lei não exige forma especial para os contratos de arrendamento rurais e portanto podem ser meramente verbais, fazendo-se a prova da sua existência e cláusulas de qualquer forma (testemunhas p. ex.).

Seria incompreensível que não houvesse um contrato entre o sr. Consulente e o caseiro e ele lhe pagasse uma renda: como, por outro lado, se não houvesse contrato não haveria motivo para que ele estivesse nas terras do sr. Consulente e, portanto, poderia pura e simplesmente ser posto fora delas como se faz a quem abusivamente entra na propriedade alheia. Serve isto para ilustrar que no caso da consulta existe realmente um contrato que não foi reduzido a escrito.

2.—Ora, dispõe o art. 1065.º do Actual Código Civil (como aliás já dispunha a lei 2114 de 15/6/62) que os arrendamentos rurais não podem ser celebrados por menos de 6 anos, considerando-se renovados por períodos de 3 anos, se nenhuma das partes, com a antecedência legal, o tiver denunciado.

3.—Quando o arrendamento seja feito a cultivador directo, ou seja, o arrendatário que explora a propriedade, com trabalho próprio e de seus familiares, o que me parece ser o caso da consulta, os arrendamentos são feitos por períodos mínimos de um ano, não podendo o senhorio opor-se às três primeiras renovações anuais (arts. 1079.º e 1080.º do Actual Código Civil).

4.—Pode o senhorio rescindir o contrato e, conseqüentemente, faz sair o caseiro antes do seu termo convencional ou imperativamente legal, além dos demais casos prescritos na lei (falta de pagamento de renda, etc.), quando este «prejudique a produtividade do prédio, não vele pela boa conservação dele ou cause prejuízos graves nas coisas que, não sendo objecto do contrato, existam no prédio arrendado». (art. 1075.º do Novo Código Civil).

5.º—Todas as questões entre senhorios e arrendatários devem ser decididas pelas comissões arbitrais criadas pela Lei 2114 (Base XXI) e regulamentadas pelo decreto n.º 45905, de 7/9/64.

Estas comissões são constituídas pelo juiz de direito da Comarca, por dois árbi-

tros designados pela Secretaria de Estado da Agricultura e por dois designados pela Comissão de Lavoura (art. 2.º do decreto referido).

Estas comissões criadas anteriormente ao Novo Código Civil, mantêm-se dado as normas que as criaram e regulamentaram conterem matéria processual civil que não foi abrangida pela revogação geral da legislação anterior operada pelo Código Civil de 1966 (Cfr. «O arrendamento e a parceria rurais» de Afonso de Barros, Lisboa 1968).

6.—Toda a regulamentação do arrendamento rural aplica-se à parceria agrícola, por força do art. 11.º do Decreto-lei n.º 47344.—A. M. O. Pinheiro Torres.

CAÇA E PESCA

DO MAL... E DO BEM

(Conclusão da pág. n.º 54)

milhares e milhares de hectares onde a caça é proibida, ou apenas admitida em casos especiais, como para investigação zoológica ou botânica.

Completarei esta informação transcrevendo o que respeita ao nosso país:

«Un parc national em voie de réalisation. C'est peu pour un pays de si ancienne civilisation»...

E termina, com algumas «gralhas» por dizer:

*«Parc national de Gerez
Altitude: de 500 à 1.500 mètres*

Notre opinion: Attendre sa mise en état».

E ainda bem que este assunto do Gerez vai caminhando, pela iniciativa do Eng. Silvicultor José Lagrifa Mendes ⁽¹⁾ e pela atenção especial que os Serviços Florestais lhe estão prestando.

E sem reclame, o livro de Serge Bertino muito deve interessar os estudiosos destes assuntos.

⁽¹⁾ «Gazeta das Aldeias» — Notícia sobre montarias nas Serras do nordeste, publicada nos n.os 2620 a 2623.



INFORMAÇÕES

Calendário de Janeiro

Durante este mês a duração do dia é de 9h. e 30m. em 1 e de 10 h. e 13m. em 31.

DATAS	SOL		LUA	
	Nasc.	Pôr	Nasc.	Pôr
1 Quarta	7.55	17 25	15.18	6 15
2 Quinta	7.55	17.26	16. 6	7.12
3 Sexta	7.55	17.27	17. 2	8. 3
4 Sábado	7.55	17.28	18. 1	8.47
5 Domingo	7.55	17.29	19. 5	9.25
6 Segunda	7.55	17.30	20 9	9 56
7 Terça	7.55	17.31	21.12	10 23
8 Quarta	7.55	17.32	22.16	10.47
9 Quinta	7.55	17.33	23.20	11. 9
10 Sexta	7.55	17.34	*	11.31
11 Sábado	7.55	17.35	0.25	11 55
12 Domingo	7.55	17.36	1 34	12 21
13 Segunda	7.54	17.37	2.46	12.53
14 Terça	7.54	17.38	4. 3	13 33
15 Quarta	7 44	17.39	5.20	14.25
16 Quinta	7.54	17.40	6.34	15.29
17 Sexta	7.54	17.41	7 36	16.43
18 Sábado	7.53	17.43	8.27	18. 4
19 Domingo	7.53	17 44	9. 7	19.22
20 Segunda	7 52	17.45	9.38	20.37
21 Terça	7.52	17.46	10. 5	21.47
22 Quarta	7.51	17.47	10.28	22.53
23 Quinta	7.50	17.48	10.52	23 57
24 Sexta	7 50	17.49	11.14	*
25 Sábado	7.49	17.50	11.38	1. 1
26 Domingo	7.48	17.51	12. 5	2. 4
27 Segunda	7.48	17.52	12.37	3. 7
28 Terça	7.47	17.54	13.15	4. 8
29 Quarta	7.46	17.55	14. 0	5. 6
30 Quinta	7.45	17.56	14 54	5 59
31 Sexta	7.44	17.57	15.52	6.45

L.C. em 3 às 18 h. e 28 m.; Q.M. em 11 às 14 h. e 0 m; L.N. em 18 às 4 h. e 59 m.; Q.C. em 25 às 8 h. e 23 m.

Estado das culturas em 31 de Outubro

Informação fornecida pelo Instituto Nacional de Estatística

O mês de Outubro decorreu com temperaturas amenas, quase sempre superiores às normais. No que respeita à pluviosidade, registaram-se dois períodos distintos, o primeiro até o dia 22, praticamente seco, e o segundo a partir do dia 23, com precipitações abundantes, principalmente no Minho e Douro Litoral, intervaladas de alguns curtos períodos de bom tempo.

Sob o aspecto geral, as características climáticas das duas primeiras décadas podem considerar-se favoráveis às culturas em fase de colheita — uva, tomate, milho, arroz, etc. — principalmente às que denotavam certo atraso na maturação, e desfavoráveis às culturas forrageiras e pastagens, assim como à realização das sementeiras da época. As chuvas da última década, embora causassem interrupções nos trabalhos de campo, vieram permitir a germinação das sementeiras de forragens semeadas no pó, e restituíram ao solo a humidade necessária à mobilização das terras destinadas aos cereais e leguminosas de sementeira outonal.

Beneficiando do estado do tempo favorável registado nas duas primeiras décadas do mês, as colheitas de milho e feijão, bem como a sua debulha e secagem decorreram em boas condições. Dado, porém, que muitos milharais não atingiram ainda a maturação, as colheitas prolongar-se-ão pelo mês de Novembro. Em primeira estimativa, calcula-se que as produções destas culturas, 529 000 toneladas de milho e 47 000 toneladas de feijão, são inferiores quer às do ano passado (—9% de milho e —14% de feijão) quer às médias do último decénio (—2% de milho e —21% de feijão). As quebras registadas, principalmente no caso do feijão, ficaram a dever-se, na sua maior parte, às culturas de sequeiro, embora as de regadio também não tenham atingido, normalmente, o nível das produções tomadas para termo de comparação.

Terminou a colheita de batata, que se estima, provisoriamente, em 1 047 000 toneladas. Esta produção é sensivelmente inferior à do ano passado, que foi excepcionalmente abundante, (—19%), devendo, mesmo assim, ultrapassar ligeiramente a produção média do último decénio (+1%)

Sob condições de tempo e solo favoráveis procedeu-se à colheita, debulha e secagem do arroz,

notando-se uma progressiva intensificação do uso da ceifeira-debulhadora, assim como do recurso aos secadores. De um modo geral, as condições climáticas se, por um lado, favoreceram as operações de colheita, por outro lado também provocaram o aumento de trincas, factor influente na determinação dos preços pagos à lavoura, que este ano serão normalmente inferiores aos do ano passado.

Em primeira estimativa, avalia-se a produção de arroz em 151 milhares de toneladas, o que representa uma colheita superior 3% à do ano passado, e inferior 6% à média do último decénio.

Na maior parte do País, as vindimas concluíram-se com tempo favorável. No entanto, como consequência das chuvas do final de Setembro, as uvas apresentaram-se pódres em quantidade apreciável, dando origem a vinhos defeituosos. O teor sacarino dos mostos, geralmente baixo ao iniciar-se a colheita, melhorou notoriamente, sendo já bastante elevado o das colheitas tardias. E' de 11 232 milhares de hectolitros o volume que se calcula, em primeira estimativa, para a produção de vinho, o que representa +15% que o ano passado e +1% que a média do último decénio.

Os olivais apresentam bom aspecto vegetativo, mas acentuada irregularidade, no que respeita à produção. Muita azeitona, devido à falta de humidade no solo, mostra-se miúda, tendo caído alguma. Com as chuvas do final do mês, as perspectivas de produção melhoraram, mantendo-se a previsão de uma colheita relativamente elevada, para ano de contra-safra, inferior apenas em 17% à do ano passado e em 9% à média do último decénio.

Durante o mês procedeu-se à colheita de maçã e pera, das variedades outonais, com resultados nitidamente inferiores aos do ano passado; -25% de maçã e -14% de pera.

Os pomares de citrinos, apresentam aspecto regular, mas a produção também não deve atingir o volume do ano passado, esperando-se uma quebra de 10% em relação à laranja.

Nos soutos começou a apanha da castanha, que se prevê escassa. A primeira estimativa de produção indica uma quebra de 45% em relação à colheita anterior.

As culturas horto-industriais — tomate e pimentão — encontraram neste mês um prolongamento de colheita muito favorável. Com o atraso verificado na sua maturação, o quantitativo da produção total, que se chegou a antever bastante comprometido, melhorou substancialmente.

As forragens que haviam sido semeadas na época própria e com o solo em boas condições de humidade foram muito prejudicadas pela estiagem que se seguiu. De um modo geral, a alimentação do gado, exceptuado o das explorações que cultivam forragens em terras de regadio, fez-se à base de palhas, fenos e rações concentradas.

No final do mês, após as primeiras chuvas, os prados começaram a reverdescer, prometendo para breve boas pastagens.

Na generalidade os montados de azinho têm pouca bolota, havendo mesmo alguns cuja produção será praticamente nula. Os de sobre apresentam-se melhores, mas a sua produção também será modesta.

Nas feiras e mercados notou-se movimento variável de região para região, mais reduzido onde a

maior intensidade dos trabalhos agrícolas não permitiu a afluência dos agricultores.

Os preços dos gados estacionaram ou experimentaram ligeiras variações, sendo apenas de salientar o preço ruinoso a que desceu o gado suíno, especialmente o de recria, sem reflexo aparente nos preços pagos pelo consumidor. Em algumas zonas da região de Leiria tem sido diminuto o interesse por esta espécie devido ao alastramento da peste suína africana. Os preços dos produtos não acusaram variações sensíveis, exceptuado o dos ovos, que tem subido gradualmente, e o da fruta, que se tem mantido em nível superior ao do ano passado, consequência normal do que atrás se disse a respeito do volume das produções.

Em muitas regiões, o mês de Outubro ainda foi de intensa actividade nos campos, com a natural procura de mão-de-obra. Os salários dos trabalhadores rurais de um modo geral mantiveram um nível atingido durante o Verão, tendo descido apenas nas regiões vinhateiras, depois de concluídas as vindimas.

Os agricultores continuam a lamentar a baixa produtividade da mão-de-obra disponível, constituída em grande parte por pessoas idosas ou muito jovens e, de um modo geral, pelas de menos capacidade, já que as unidades mais válidas ou se transferem para outros sectores, a emigração incluída, ou são aliciadas para as explorações agrícolas das zonas limítrofes dos grandes centros consumidores.

Estação Vitivinícola da Beira-Litoral Anadia

Curso Intensivo de Enologia

De 6 a 11 de Janeiro de 1969 vai realizar-se na Estação Vitivinícola de Anadia o «XI Curso Intensivo de Enologia» que constará de palestras teóricas, práticas de laboratório e de adegas, versando os seguintes assuntos:

Exame dos vinhos desde a prova organoléptica à apreciação dos principais elementos químicos; cuidados a observar para a boa conservação dos vinhos no diverso vasilhame; clarificação por meio de colagens e através de filtros; doenças e desequilíbrios dos vinhos, forma de os evitar e meios de tratamento; aproveitamento de sub-productos, etc.

As exposições começam todos os dias por volta das 10 horas. Os trabalhos da tarde podem prolongar-se pelo tempo julgado necessário, que poderá ir até às 18 horas.

A inscrição estará aberta a todos os vitivinicultores, devendo para tal dirigir-se ao director da Estação Vitivinícola em carta ou simples postal, indicando a profissão, habilitações literárias e a residência. Os frequentadores do Curso terão apenas a seu cargo o alojamento numa das pensões de Anadia ou nos hotéis da Curia.

INTERMEDIÁRIO DOS LAVRADORES

Ovos de faisões — Aceitam-se encomendas para Março e Abril. Preço a combinar. António Joaquim Fraústo — Montalvão (Alto Alentejo).

AS "pragas"
E "doenças"
DAS VOSSAS
CULTURAS SÃO
PREOCUPAÇÃO
CONSTANTE DOS
TÉCNICOS
DA CUF



evite o mildio

COM
Aspor

* rápida acção fungicida, persistente e estimulante

* combate o mildio da videira, batateira e tomateiro

* eficácia comprovada

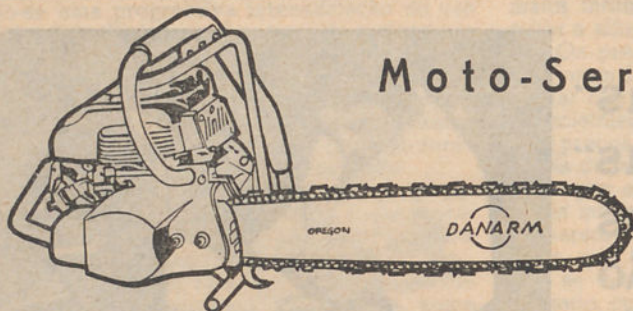
por inúmeros ensaios e vários anos de aplicação

Consulte o folheto e antes de usar leia o rótulo da embalagem.



COMPANHIA UNIÃO FABRIL • 100 anos ao serviço da Lavoura
Depósitos e revendedores em todo o País

4330

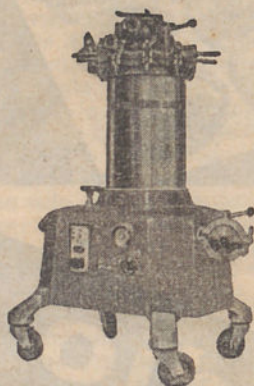


Moto-Serras Inglesas

"DANARM"

4291

CASA CASSELS 191 - Rua Mousinho da Silveira - PORTO



Filtros — De aço inoxidável, para vinhos, vinagres, azeites, etc.

W i n o — Mastique especial para a vedação perfeita do vasilhame.

Tartrix — O produto ideal para lavagem e desinfecção de vasilhame vinário leiteiro, etc.

Collogel — O produto que evita a precipitação do cremotartaro nos vinhos engarrafados.

Produtos Enológicos - Material de Adega - Análises



RAMO AGRICOLA da

Agência Comercial de Anilinas, Lda.

4048

Avenida Rodrigues de Freitas, 68 - PORTO - Telefone, 55161

SEMENTES

1882

ALÍPIO DIAS & IRMÃO recomendam aos seus Amigos e Clientes, que nesta época devem semear as seguintes variedades:

Alfaces, Beterrabas, Couves diversas: Couve flores, Couves bróculos, Penco de Chaves, Penco de Mirandela, Penco da Póvoa, Repolhos, Tronchuda, Ervilhas de grão, Espinafres, Feijões de vagem de trepar e anão, Rabanetes, assim como: Azevêns, Erva molar, Luzernas, Lawn-grass Ray-grass, Sorgo do Sudão, Trevos, etc., etc. e ainda uma completa coleção de Flores.

Se deseja SEMEAR E COLHER dê preferência às sementes que com todo o escrúpulo lhe fornece a

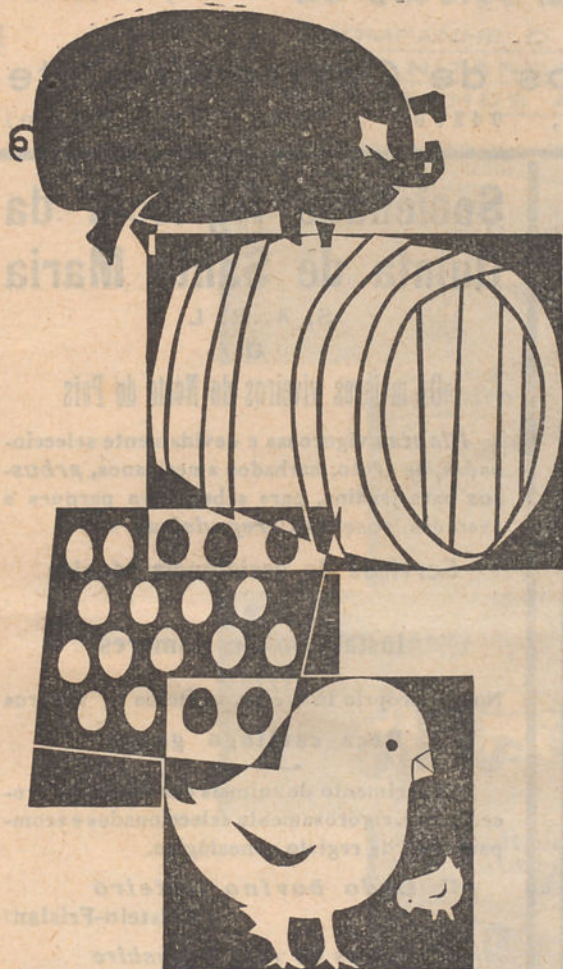
«SEMENTEIRA» de Alípio Dias & Irmão

Rua Mousinho da Silveira, 178 — Telefones 27578 e 33715 — PORTO

CATÁLOGO — Se ainda não possui, peça-o

E. N. — Preços especiais para revenda que lhe será enviado gratuitamente





**Na chamusca
dos porcos**

**Na extracção
de sarro
do vasilhame**

Nas chocadeiras

**Nas criadeiras
de pintos**

4372



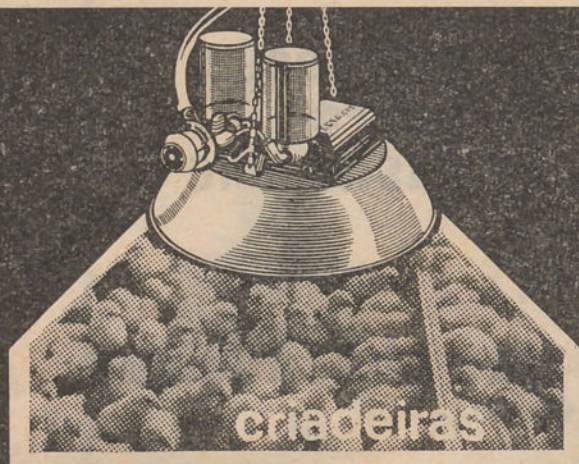
PROPACIDLA

**O MELHOR GÁS
AO SERVIÇO
DA INDÚSTRIA**

ÁRVORES de muitas espécies e variedades tais como:
Macieiras, Pereiras, Pessegueiros, Laranjeiras, Limoeiros, Castanheiros, Choupos, Diospiros, Tílias, Roseiras
e muitas outras.

Peça catálogo aos: **Viveiros de Castromil-Cete**
Telefone, 945006 (Rede do Porto)

4387



SCHWANK

GÁS BUTANO OU PROPANO

+ rentável
económico

As criadeiras de raios infra-vermelhos
"Patente Schwank" cuidarão dos seus pintos
permitindo-lhes gozar do calor necessário
que as aves precisam para se desenvolver



Tecnigás, Lda. | r. conde redondo, 12-c tel. 53 16 18 lisboa 1

4359

Sociedade Agrícola da Quinta de Santa Maria

S. A. R. L

Os melhores viveiros do Norte do País

Plantas vigorosas e devidamente seleccionadas, de fruto, barbados americanos, *arbustos* para jardins, para sébes, para parques e avenidas. *roseiras, trepadeiras, etc.*

Serviços de assistência técnica

e
Instalação de pomares

No seu próprio interesse, visite os n/ viveiros

Peça catálogo grátis

Fornecimento de animais das melhores procedências, rigorosamente seleccionados e acompanhados de registo genealógico.

- *Gado bovino leiteiro*
(Holstein-Frisian)
- *Suínos de raça Yorkshire*
(Large White)

Todos os fornecimentos de animais são feitos por encomendas previamente confirmadas.

Departamentos de venda:

Viveiros:—Carreira — Silveiros (Minho)
Telef. 96271 — NINE

Gados:—Apartado 4 — Barcelos
Telef. 82340 — Barcelos

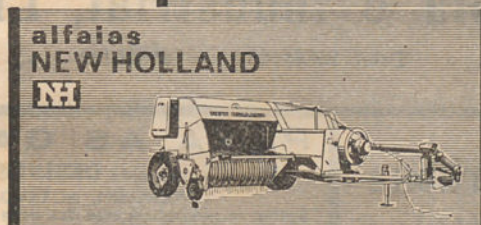
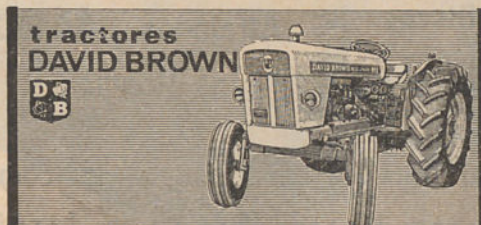
3084

*O Caminho de Ferro é o transporte ideal,
pois é seguro, rápido, prático e económico.*

1593

**J.J.GONÇALVES SUCRS.
S.A.R.L.
ao serviço da lavoura**

**ACOMPANHE O PROGRESSO
MECANIZANDO OS SEUS
TRABALHOS AGRÍCOLAS**



CHARRUAS; ESCARIFICADORES, REBOQUES,
GRADES DE DISCOS, FERTILIZADORES,
RESPIGADORES, CORTA FORRAGENS,
DISTRIBUIDORES DE ADUBO,
MOINHOS DE RAÇÕES, ENFARDADEIRAS
DE ALTA E BAIXA PRESSÃO, SILOS,
ROTAVADORES, EMPILHADORES,
PÁS NIVELADORAS, DUMPERS, ETC.

ONDE QUER QUE SE ENCONTRE,
TERÁ SEMPRE GARANTIDA
ASSISTÊNCIA RÁPIDA
E ECONÓMICA



Rua Alexandre Braga, 38 - PORTO

Sachadores e Semeadores
"PLANET"

Charruas de 1 ou 2 leivas

Grades de Molas ou de Discos

Descaroladores, Debulhadoras

Tararas de vários tamanhos

Tractores

"INTERNATIONAL"

Atrelados "AGROS"

tipo Montanhês e Estrada, etc.

Todo o material Agrícola em Geral, assim como:
Sementes para Horta, Prado e Jardim

e
Adubos para todas as culturas

Consulte o:

Centro Agrícola e Industrial, Limitada

307, Rua de Santa Catarina, 309 * Telef. 25865/66 * PORTO * Teleg. AGROS

Cruz, Sousa & Barbosa
LIMITADA

Papéis e
Máquinas Gráficas

Rua D. João IV, 567-2.º — PORTO
Telefs. 27656 e 27657

PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ
Aplica-se nos bebedouros das aves e é **INOFENSIVO** para
os animais domésticos
Com o desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam
Frasco pequeno - 12\$50 * Frasco grande - 50\$00
Vende-se em todas as farmácias, drogarías, aviários, etc'



DISTRIBUIDORES
GERAIS

Vicente Ribeiro
& C.ª

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, Di.º
L I S B O A



As mais seleccionadas árvores de fruto
As melhores sementes de flores e de horta
As mais lindas ROSAS premiadas em Con-
cursos Internacionais
Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, etc.

Alfredo Moreira da Silva & F.ª, Lda.
Viveiristas autorizados n.º 3

Rua D. Manuel II, 55 — PORTO

Telef. 21957

Telef. «Roselândia»-Porto



Snr. Lavrador

A matéria orgânica é indispensável para se obterem bons rendimentos.

Transforme as suas palhas em óptimo estrume utilizando

CIANAMIDA CÁLCICA

(CAL AZOTADA)



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS

CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º
LISBOA — TELEF. 368989

**PROTECÇÃO TOTAL
DAS SUAS CULTURAS,
COM PESTICIDAS**



**OS ADUBOS DAS
BOAS COLHEITAS**

NITRATOS DE PORTUGAL

**CAMINHO CERTO
DO BOM
AGRICULTOR**